

# Ministério

NOV-DEZ • 2020

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 16,28



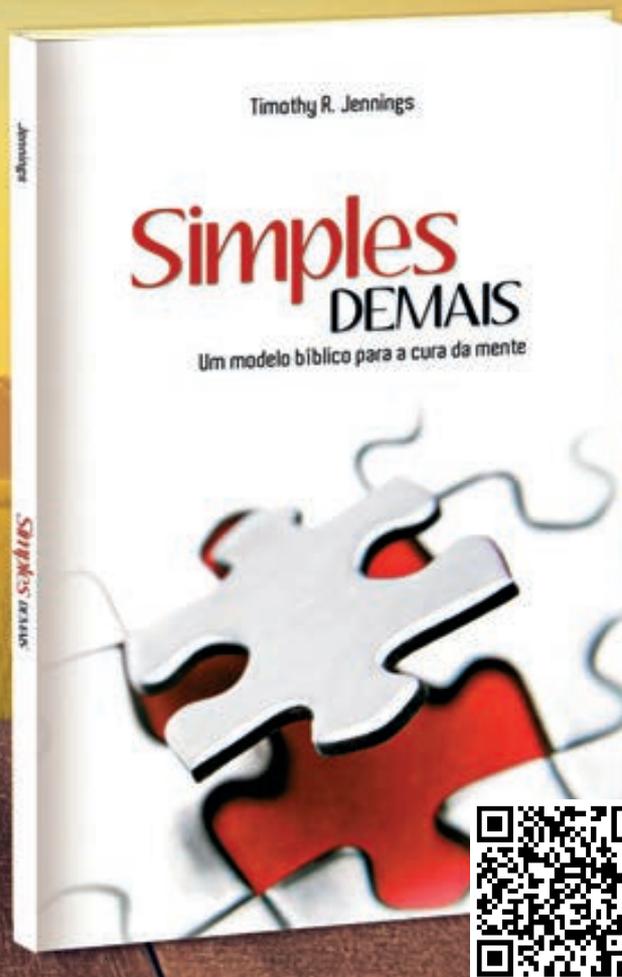
## HORA DE PLANEJAR

Conheça os passos para desenvolver um planejamento eficaz para a igreja local

Os planos da Igreja Adventista na América do Sul para 2021 + Saiba como ajudar membros da igreja com deficiência

A 'aqedah de Isaque e o paradigma do amor + Finanças pastorais + Paulo e o paradigma ministerial

*A vida é uma só.  
Saiba como aproveitar  
melhor cada estação.*



[cpb.com.br](http://cpb.com.br) | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | [atendimentolivrarias@cpb.com.br](mailto:atendimentolivrarias@cpb.com.br)



Baixe o aplicativo CPB





10

**10 Do sonho à realidade**  
*Cezar Camacho*

Dicas para elaborar um plano de trabalho relevante para a igreja local

**16 Mais que sentimento**  
*André Vasconcelos*

A 'aqedah de Isaque e o paradigma do amor

**20 Atenção e sensibilidade**  
*Patrick Johnson*

O que é preciso saber para ajudar pessoas com deficiência

**23 Os planos de Deus**  
*Erton Köhler*

As iniciativas da Igreja Adventista na América do Sul para 2021

**25 O pastor ideal**  
*Clodoaldo Tavares dos Santos*

Paulo e o paradigma ministerial

**28 Lição da natureza**  
*Jonatán Moreyra*

A formiga, as finanças e a vida pastoral



25

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 31 Lições de vida
- 32 Dicas de leitura
- 34 Reflexão
- 35 Palavra final



28

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 92 – Número 552 – Nov/Dez 2020  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

**Editor** Wellington Barbosa  
**Editor Associado** Márcio Nastrini  
**Revisoras** Josiéli Nóbrega; Rose Santos

**Projeto Gráfico** Levi Gruber  
**Capa** Visual Generation

**Ministério na Internet**  
www.revistaministerio.com.br  
www.facebook.com/revistaministerio  
Twitter: @MinisterioBRA  
Redação: ministerio@cpb.com.br

### Conselho Editorial

Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goa; Jeffrey Brown; Alberto Carranza; Davi França; David Ayora; Edilson Valiante; Efrain Choque; Elieser Ramos; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Juan Zuñiga; Ráildes Nascimento; Ronivon Santos; Rubén Montero e Tito Valenzuela

### CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

**Diretor-Geral** José Carlos de Lima  
**Diretor Financeiro** Uilson Garcia  
**Redator-Chefe** Marcos De Benedicto  
**Chefe de Arte** Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20  
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

# Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



## Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



## Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



## Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

## Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.
- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br). Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



# SEMENTE DO FUTURO

Uma das características marcantes de um líder visionário é a capacidade de traçar o caminho entre o sonho e a realidade. Em linguagem mais objetiva, a habilidade de planejar o futuro e fazê-lo acontecer. Um dos personagens bíblicos que ilustra essa qualidade é o rei Salomão.

À frente de Israel, ele fez grandes edificações; investiu em infraestrutura, agricultura e pecuária (Ec 2:4-6); e foi o responsável pela construção do majestoso templo de Jerusalém, um projeto que demorou sete anos para ser concluído (1Rs 6:38). Seria ingenuidade pensar que todas essas conquistas foram alcançadas sem um detalhado planejamento.

Embora grandes realizações sejam precedidas por planos bem elaborados, infelizmente, muitos líderes cristãos não têm refletido adequadamente sobre esse ponto ao conduzir a igreja na mais importante tarefa concedida aos seres humanos. Como consequência, os resultados de seus esforços acabam sendo menores do que poderiam ser.

A Bíblia não é um manual sobre planejamento, mas Salomão, um exímio empreendedor e o mais sábio rei que já viveu, deixou alguns princípios importantes sobre o tema nas páginas do Livro Sagrado. Se estivermos dispostos a segui-los, certamente seremos beneficiados em nosso ministério.

Em Provérbios 16:3 ele ensinou a submeter os planos a Deus. “Entregue as suas obras ao Senhor, e o que você tem planejado se realizará.” No pastorado, tão ruim quanto não planejar é planejar e ignorar a vontade do Senhor para Sua igreja. Em nossa condição humana, é muito fácil reproduzir a atitude soberba de Nabucodonosor: “Não é esta a grande [igreja] que *eu* construí?” (Dn 4:30). Iludidos com os aplausos humanos diante de nossas limitadas conquistas, se comparadas ao tamanho do desafio que temos, corremos o risco de ser reprovados por Deus. Por isso, devemos submeter nossos planos ao Senhor e alinhá-los ao Seu querer.

## No pastorado, tão ruim quanto não planejar é planejar e ignorar a vontade do Senhor para Sua igreja.

Poucos versículos adiante, Salomão afirmou: “O coração do ser humano traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos” (Pv 16:9). Mais do que entregar nossos planos a Deus, precisamos estar dispostos a executá-los conforme a revelação divina. Às vezes, somos tentados a usar estratégias questionáveis para alcançar propósitos relacionados à expansão de Seu reino na Terra. Definitivamente, a ideia de que “os fins justificam os meios” não é uma opção para os ministros cristãos. Precisamos, portanto, fazer o que deve ser feito da maneira como o Senhor espera.

Além de entregar os planos a Deus e ser submissos à Sua vontade, Salomão também destacou a importância de ouvir a opinião de outras pessoas. Ele disse: “Sem conselhos os projetos fracassam, mas com muitos conselheiros há sucesso” (Pv 15:22; cf. 20:18). Alguns líderes, contudo, impõem seu planejamento à igreja, desconsiderando a sabedoria dos membros locais e, porque não dizer, a liberdade de o Espírito Santo conduzir os rumos da missão divina a partir desse conhecimento particular. Ainda que alguém esteja convicto de que suas ideias estão em sintonia com a vontade divina, jamais deveria ignorar esse princípio inspirado. Afinal, é por meio do diálogo que revelamos, absorvemos e refinamos os sonhos que desejamos concretizar.

Depois de ouvir a Deus, estar disposto a fazer Sua vontade e compartilhar os planos, é preciso agir. “Quem planeja bem e trabalha com dedicação prospera; quem se apressa e toma atalhos fica pobre” (Pv 21:5, NVT). Conforme escreveu John Kitchen, a chave do sucesso é “pensar bem e trabalhar duro”. E certamente, o Senhor abençoará os esforços daqueles que se dispuserem a proceder assim! **M**



**WELLINGTON BARBOSA**  
editor da revista  
Ministério



# Semana de ofertas

de 23 a 29/11

FRETE



GRÁTIS

[cpb.com.br](http://cpb.com.br) | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | [atendimentolivriarias@cpb.com.br](mailto:atendimentolivriarias@cpb.com.br)



/cpbeditora

Baixe o aplicativo CPB



MKT CPB

# CONTROLE SEU TEMPO

**A**lguma vez você já se perguntou: “Como posso organizar melhor meu trabalho?”, “O que aconteceria se eu pudesse ter uma hora por dia para ler, fazer exercícios ou estar com minha família?” Uma boa organização é a chave da eficiência, porque nos permite reduzir os imprevistos e estar preparados para realizar aquilo que está previsto, dizem os especialistas.

Toda boa organização requer planejamento. Poderíamos dizer que o sucesso ou fracasso em nosso trabalho depende, em parte, de como organizamos nosso dia a dia e administramos nosso tempo. Ellen White afirmou: “Alguns poderiam ter se tornado obreiros completos se tivessem feito bom uso de seu tempo, sentindo que teriam contas a prestar a Deus por seus momentos desperdiçados” (*Ministério Pastoral*, p. 82).

Saber planejar o tempo é saber priorizar, ter foco, delegar e dizer não, ações essenciais que são destacadas por respeitadores estudiosos do tema. A seguir, compartilho alguns itens importantes apresentados por eles.

*Estabeleça prioridades.* Agende tudo aquilo que for prioritário. Stephen Covey deu um bom conselho: “O segredo não é priorizar o que está na sua agenda, e sim agendar as suas prioridades.”

*Tenha foco.* A atenção no cumprimento daquilo que foi planejado faz muita diferença na gestão do tempo. O especialista Daniel Goleman escreveu: “Muito recentemente, a ciência da atenção floresceu para muito além da vigilância. Essa ciência diz que nossa capacidade de atenção determina o nível de competência com que realizamos determinada tarefa. Se ela é ruim, nos saímos mal. Se é poderosa, podemos nos sobressair. [...] Embora a conexão entre atenção e excelência permaneça oculta a maior parte do tempo, ela reverbera em quase tudo que tentamos realizar” (*Foco*, “A habilidade sutil”).

*Saiba dizer não.* Jacques Salomé, psicólogo e escritor francês, aconselhou: “Atrever-se a dizer ‘não’ ao outro é atrever-se a dizer ‘sim’ a si mesmo.” Não me interprete mal, mas estar disponível aos demais é uma grande

O segredo não é priorizar o que está na sua agenda, e sim agendar as suas prioridades.

virtude, sempre que isso não o impeça de fazer aquilo que está em seu planejamento. Lembre-se de que a sobrecarga é o pior inimigo da planificação.

*Delegue.* Em seu livro *15 Secrets Successful People Know About Time Management*, Kevin Kruse relata sua experiência ao perguntar a 200 empresários: “Qual é o segredo para ser produtivo?”. Sem titubear, muitos responderam: saber delegar! Você não tem todo o tempo para fazer tudo o que quer; portanto, conte com a ajuda dos demais.

Gostaria ainda de compartilhar quatro citações de Ellen White que também proveem dicas importantes para o pastor que deseja planejar efetivamente o uso de seu tempo.

*Priorize a comunhão com Deus.* “Há ministros que têm trabalhado durante anos, ensinando a verdade a outros, enquanto eles próprios não estão familiarizados com os pontos fortes de nossa doutrina” (*Ministério Pastoral*, p. 82).

*Dedique tempo à família.* “Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar o que fez ele para atrair para Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo” (*O Lar Adventista*, p. 353, 354).

*Invista na leitura.* “Os pastores devem dedicar tempo à leitura. [...] Levem um livro consigo para ler enquanto viajam [...]. Empreguem todo momento vago em fazer alguma coisa. Assim se fechará, a milhares de tentações, uma porta eficaz” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 4, p. 412).

*Saiba como atender à igreja.* “Todo o dia [Jesus] ajudava os que a Ele vinham; à tardinha, atendia aos que tinham que trabalhar durante o dia pelo sustento da família” (*Ministério Pastoral*, p. 83).

À luz de todos esses conselhos, seja sábio ao planejar hoje para colher bons resultados amanhã! 



**DANIEL MONTALVAN**  
secretário ministerial  
associado para a Igreja  
Adventista na América do Sul

# PREGAÇÃO APOCALÍPTICA



por Wellington Barbosa

A pandemia e a complexidade dos dias em que estamos vivendo intensificaram a pregação a respeito das profecias e da vinda de Jesus. As redes sociais foram inundadas com sermões, vigílias e séries de estudos bíblicos, especialmente sobre o Apocalipse. Nesta entrevista, o pastor **Vanderlei Dorneles** faz uma breve análise desse fenômeno e de suas implicações para o trabalho pastoral.

Graduado em Teologia e Jornalismo, com dois doutorados, um na área de comunicação e linguagem (USP) e outro em Novo Testamento (Umesp), Vanderlei Dorneles trabalhou por 6 anos como pastor distrital, 11 anos como editor na Casa Publicadora Brasileira e, atualmente, é coordenador de pós-graduação e professor de Teologia no Unasp, campus Engenheiro Coelho. Escritor prolífico, é autor de diversos artigos e livros, com ênfase nos temas de escatologia e estudos do Apocalipse.

**Nesses momentos de crise com o pressentimento do fim, os profetas e seus intérpretes são chamados para dar o significado do que está acontecendo.**

**No período apostólico, a percepção de que o segundo advento de Cristo era iminente teve grande impacto sobre a vida dos fiéis. É possível dizer que a ênfase na escatologia, vista nesses últimos meses, tem provocado a mesma atitude?**

Alguns líderes e pastores chegaram a conjecturar que nos últimos meses, desde março deste ano, a igreja teve mais sermões e palestras sobre escatologia e Apocalipse do que nos últimos 15 anos. De fato, a grande maioria das *lives* veiculadas pelas redes sociais trataram de temáticas proféticas. A instabilidade social, política e econômica foi intensificada pelas tensões entre as grandes potências e manifestações antirracistas, bem como pelo sentimento de insegurança e incerteza quanto ao futuro. Isso gera uma expectativa de terror que clama por interpretações religiosas e proféticas acerca da crise. A situação nos faz lembrar do rei Belsazar, da antiga Babilônia, cujos joelhos tremiam ante a misteriosa escrita na parede, a qual ninguém podia interpretar. Entretanto, havia uma suspeita de que tinha que ver com juízo e “fim do mundo”. Nesses momentos de crise com o pressentimento do fim, os profetas e seus intérpretes são chamados para dar o significado do que está acontecendo.

**Nessa grande quantidade de mensagens escatológicas transmitidas pelas redes sociais, quais têm sido as ênfases principais?**

Acredito que a maioria dos religiosos entrou nesse estado de busca pelas profecias. No meio adventista, os temas mais centrais da escatologia estiveram em debate, principalmente a ascensão de um poder civil perseguidor

relacionado com Estados Unidos e Europa, não faltando também aqueles que cogitam a China como um poder emergente nesse horizonte, assim como o decreto dominical e o tempo de deixar as grandes cidades. Além disso, também estiveram em foco o tema da sacudidura, a figura do remanescente, reavivamento e iminência das pragas.

Ficamos surpreso com reinterpretções sensacionalistas, especialmente do Apocalipse, nas quais emerge uma tendência chamada de “futurismo adventista”, uma conjectura equivocada de que, após o relato das mensagens às sete igrejas, tudo mais no livro de João é profecia para os últimos dias. Também fomos surpreendidos com a adesão por parte de pessoas mais simples e também instruídas à interpretação de que a hora de sair das grandes cidades finalmente chegou, por causa da pandemia e não em razão da factualidade do decreto dominical em nível global, como afirma Ellen White.

### **Em alguns círculos adventistas, teólogos sugeriram revisões acerca de alguns pontos que ao longo do tempo se tornaram tradicionais na interpretação escatológica da igreja. Como o senhor avalia essas discussões?**

A perspectiva escatológica adventista nos oferece uma clara visão do futuro. Não há motivo para alardes falsos a não ser por conta de uma ansiedade causada por ignorar as predições proféticas. Mas, como diz Salomão, “não havendo profecia, o povo se corrompe” (Pv 29:18). Podemos dizer também: “não havendo interpretação profética clara, o povo fica perdido”. Tanto à luz das Escrituras quanto dos escritos de Ellen White, não há espaço para a emergência da crise final e para o retorno da intolerância para com o povo de Deus no mundo a não ser mediante o cumprimento do papel profético dos Estados Unidos com a emissão do decreto dominical. É a retomada desse decreto que vai alçar ao centro das atenções no mundo o povo que mantém a aliança com Deus, com a guarda do sábado como memorial da criação e da redenção.

### **O senhor acredita que a volta à normalidade tende a diminuir a frequência com que sermões sobre profecias serão pregados ou a pandemia proporcionou um reavivamento perene da pregação escatológica?**

Esta pandemia deve passar como as demais que já ocorreram ao logo da história, algumas muito mais letais. Jesus disse que haveria terremotos, epidemias e

**Um reavivamento com efeitos permanentes só pode ocorrer quando o interesse profético não é despertado pela chegada do fim do mundo, mas pelo desejo de alimentar-se da viva Palavra de Deus.**

fome, mas isso não seria o fim. O fim só virá quando a igreja de Deus completar sua missão de pregar o evangelho a todo mundo. A sociedade pode não voltar ao mesmo estado de antes, mas a maior crise tende a passar. Depois disso, aqueles cujo interesse nas profecias se origina de uma expectativa sensacionalista do fim certamente verão esse interesse arrefecer, com o sentimento: “Nós achávamos que seria desta vez que o Senhor voltaria!” Um reavivamento com efeitos permanentes só pode ocorrer quando o interesse profético não é despertado pela chegada do fim do mundo, mas pelo desejo de alimentar-se da viva Palavra de Deus.

### **Qual é sua percepção sobre o comportamento religioso das pessoas após a pandemia?**

No fim do século passado, havia a expectativa de que o fim do mundo estava chegando. Houve o tema do “bug do milênio” e a ideia de que “de dois mil anos o mundo não passaria”. Uma forte expectativa escatológica provocou entusiasmo e interesse profético, e muitos pensavam que, passada aquela época de transição, isso desapareceria. No entanto, o tempo tem mostrado que não passou. Há um interesse profético que permanece, sendo por motivos legítimos ou não. É possível que a expectativa pelo fim do mundo e a busca por interpretações sensacionalistas das profecias continue no contexto pós-pandemia. Pois, enfim, o mundo continuará inseguro, incerto e instável. Contudo, fazemos bem em lembrar que é nosso engajamento na missão para completar a tarefa do evangelho que possibilitará ver o Senhor voltando em glória e majestade. 

# DO SONHO À REALIDADE



Dicas para elaborar um planejamento relevante para a igreja local

Cezar Camacho



**O**s sonhos fazem parte da vida. Sonhamos com diversos objetivos que desejamos alcançar. Nós, pastores, além dos sonhos pessoais, nutrimos propósitos relacionados ao nosso ministério. Desejamos ver nossas igrejas repletas de membros fiéis, saudáveis espiritualmente, administradas de maneira equilibrada e com uma dinâmica vibrante de discipulado que resulte em crescimento espiritual e numérico para o reino de Deus.

Não importa se você é um pastor que está começando sua trajetória, está no meio dela ou próximo da jubilação. De fato, todos nós desejamos, à semelhança de William Carey, realizar grandes coisas para Deus. Como podemos, então, tirar os sonhos de nosso coração e colocá-los em prática em nosso ministério?

Acredito que exista uma ferramenta fundamental nesse processo que jamais

deveria ser esquecida: o planejamento. Muitas pessoas têm dificuldade em compreender a importância ou ainda elaborar um plano executável para seu ministério. A partir daquilo que li, de meus estágios em igrejas norte-americanas e brasileiras e minha experiência ministerial, creio que a seguinte definição de planejamento seja apropriada: “Planejar nada mais é do que transformar sonhos em objetivos exequíveis por meio de estratégias saudáveis.”

Em realidade, o planejamento funciona como um GPS. Primeiro é necessário chegar a um consenso sobre aonde se quer ir (sonhos), para então calcular uma rota até o destino (estratégias saudáveis). E isso se aplica para pastores de várias igrejas ou de uma só, líderes de igrejas abastadas ou sem recursos, grandes ou pequenas. O importante é que o planejamento seja adequado para a situação. É preciso

destacar que sem planejamento ministerial somos apenas um grupo de pessoas tentando fazer alguma coisa importante e diferente para Deus, com a ideia de que tudo dará certo no fim. Por isso, gostaria de compartilhar algumas ideias sobre como podemos elaborar um planejamento funcional para nossas igrejas, a fim de organizar o trabalho, dar direção à congregação, gerar engajamento pessoal e multiplicar discípulos para o reino do Céu.

### **Do sonho ao plano**

*Siga a voz de Deus.* Um bom planejamento começa com a submissão de nossa vontade aos propósitos divinos. Nem tudo que sonhamos para nosso ministério é o que o Senhor deseja para Sua igreja. Portanto, ao conduzir o processo de planificação, seja fiel aos escritos inspirados e permita que a vontade de Deus prevaleça ao longo do trabalho.

*Escreva seus sonhos.* Seja muito claro, simples e objetivo ao colocar seus sonhos no papel, pois algo que parece complexo ou confuso pode não ser entendido nem atrair pessoas. Uma das experiências mais agradáveis ao conduzir a igreja com base em um plano bem estabelecido é ouvir os membros dizendo: "Meu pastor sabe para onde está levando a igreja!"

*Defina a missão e visão da igreja.* A declaração de missão basicamente expressa a razão de a igreja existir, ou a responsabilidade que ela tomou para si no mundo. Essa declaração aponta aos membros o segmento em que a igreja se encontra e define sua identidade. A missão não costuma mudar ao longo do tempo e ajuda no planejamento ao fornecer uma compreensão clara a respeito da atividade da congregação.

Por sua vez, a visão comunica aos membros o que a igreja deseja ser no futuro. Ela é fundamental para formulação do planejamento estratégico congregacional, pois determina, por exemplo, o que deve ou não ser feito para cumprir a missão. A visão ajuda a tirar a equipe de líderes da igreja da zona de conforto, mantendo a ênfase no crescimento.

Infelizmente, muitas declarações de visão e missão falham porque são muito extensas. Uma vez que a igreja define sua visão e missão, deve trabalhar para que essas declarações sejam expressas em frases tão curtas e simples de lembrar que facilitem sua memorização e promoção.

*Faça um diagnóstico detalhado.* Nenhum plano será adequado se não considerar a real condição de cada igreja. Analisar a condição de suas congregações é um fator de sucesso, pois permite compreender as forças e fraquezas, oportunidades e ameaças, e ainda como maximizar as forças e oportunidades e minimizar as fraquezas e ameaças. Além disso, ajuda a evitar o uso das mesmas estratégias que falharam no passado.

*Identifique seu público-alvo.* Todo planejamento deve considerar as características da comunidade ao redor de cada igreja

e também o perfil dos membros locais. Isso dará a você condições de compreender as necessidades sociais que podem ser supridas pela igreja, bem como alocar os membros certos para ministrar nesse sentido.

*Determine os objetivos que pretende alcançar.* Considerando seu público-alvo e os recursos humanos e estruturais que tem à disposição na igreja, estabeleça os objetivos que deseja alcançar. Cuide para que seja algo entre três e quatro metas, pois um número de propósitos maior do que esse pode inviabilizar seu cumprimento. Lembre-se também que os objetivos devem ser específicos, mensuráveis, atingíveis, relevantes e temporais. Metas impossíveis levam as pessoas à frustração e a um sentimento de derrota por não completá-las.

*Avalie como seu distrito pode contribuir para o cumprimento dos objetivos de seu Campo local.* É muito importante conhecer bem o plano de atividades do Campo local para que seu distrito contribua efetivamente com ele. É fundamental estabelecer um planejamento local que esteja alinhado com o programa geral da instância superior.

*Estabeleça as estratégias adequadas para alcançar suas metas.* Estratégias são as ferramentas que você usa para alcançar os objetivos. Quanto mais claro for o diagnóstico de seu distrito, mais fácil será definir as estratégias. Nunca se esqueça de que elas podem mudar, conforme surgirem diferentes necessidades. Além disso, no processo de elaboração, procure responder às seguintes perguntas: Quem? Quando? Onde? Como? Quanto? Estratégias precisas favorecem um planejamento bem-sucedido.

*Elabore o orçamento.* É muito importante fazer uma estimativa do valor necessário para cumprir as metas do planejamento. Nesse ponto, considere os recursos locais, o valor que a igreja tem em caixa e uma perspectiva de quanto os membros podem ofertar; a verba do Campo, valores que podem ser direcionados pela administração regional para seus projetos congregacionais; e outras doações provenientes de pessoas de fora do seu distrito.

*Envolva os líderes no processo de planejamento.* Se você quiser que seus sonhos se tornem realidade, compartilhe-os com os líderes. Quando isso não é feito, eles tendem a considerar os planos como um "projeto do pastor", resultando em falta de motivação e engajamento. Lembre-se de que se o planejamento for somente seu, você terá somente a si mesmo para executá-lo.

Minha sugestão é que você reúna os líderes em um lugar diferente, para um encontro especificamente marcado para discutir o planejamento. Deixe-os à vontade para analisar todas as ideias propostas. Ouça o que eles têm a dizer, pois a experiência dos membros locais é um recurso muito importante nesse processo. Não tenha receio em acatar sugestões nem em defender pontos sobre os quais você tem mais experiência. Promovendo um ambiente agradável e colaborativo, o plano resultante será o reflexo da liderança, não do pastor. Portanto, seja paciente, educado e entusiasta. Cheguem a uma conclusão, para que tudo seja de todos e, assim, todos alcancem tudo. E mesmo que você não consiga ver a realização de todos os objetivos, os líderes seguirão adiante com os sonhos e darão ao próximo pastor um panorama adequado do que está acontecendo.

*Apresente o planejamento à igreja.* Depois que o planejamento for definido em conjunto com os líderes, ele deve ser apresentado à congregação. O ideal é que isso seja realizado em um programa especial, com a participação dos líderes mais influentes e apaixonados pelo plano aprovado. Lembre-se de que pastores sozinhos podem atrair pessoas para segui-lo. Mas pastores apoiados por líderes apaixonados pelo planejamento podem ajudar a contagiar todas as pessoas da igreja. Uma frase popular diz: "Se você não sabe aonde quer ir, qualquer caminho serve." Eu faria a seguinte paráfrase: "Se você não sabe para onde quer ir como pastor, como vai conduzir pessoas a algum lugar?"

Planejamento sugestivo	
<b>Missão</b>	Ser uma igreja dedicada à salvação dos perdidos.
<b>Visão</b>	Transformar membros em verdadeiros discípulos.
<b>Diagnóstico da igreja</b>	Classe média e baixa, grau escolar entre médio e superior, membros pouco comprometidos com a missão, igreja acolhedora, falta de capacitação nos ministérios, maior parte da congregação composta de conversos com no máximo 15 anos de adventismo.
<b>Diagnóstico da comunidade</b>	População pertencente à classe média e baixa, grau escolar entre médio e fundamental, áreas de vulnerabilidade social, predominância de casas e apartamentos.

Objetivo 1 – Incentivar o crescimento espiritual dos membros						
Estratégias	Quem	Quando	Como	Onde	Quanto*	Fundos
Visitar 100% dos membros da igreja	Pastor/anciãos	De janeiro a junho	Duas visitas semanais	Nas casas dos membros	-	-
Pregar sermões sobre crescimento espiritual	Pastor/anciãos e convidados	Dois sábados por mês e todas as quartas-feiras, de janeiro a dezembro	Séries de sermões, estudo de livros como <i>Serviço Cristão</i> , etc.	Na igreja	-	-
Promover a compreensão correta a respeito da Mordomia Cristã	Pastor/anciãos/convidados/Ministério da Mordomia	Fevereiro, junho, setembro, dezembro	Um fim de semana nos meses indicados.	Na igreja	R\$2.000,00	Local

Objetivo 2 – Aumentar o engajamento missionário dos membros da igreja						
Estratégias	Quem	Quando	Como	Onde	Quanto*	Fundos
Capacitar 100% dos líderes de ministérios	Pastor/anciãos	Encontros bimestrais a partir de fevereiro	Seminários e acompanhamento pessoal	Na igreja e em visitas	R\$1.000,00	Local
Capacitar 80% dos membros da igreja para servir de acordo com os dons	Pastor/anciãos/Líderes de ministérios	Encontros mensais a partir de março até novembro	Sermões, seminários, acompanhamento pessoal	Na igreja e nas casas	R\$5.000,00	Local/Associação
Formar 20 PGs de capacitação missionária	Pastor/anciãos/Ministério Pessoal	Entre fevereiro e dezembro	Reuniões semanais e capacitações bimestrais	Na igreja e nas casas	R\$2.000,00	Local
Preparar 10 evangelistas voluntários no distrito	Pastor/anciãos	Encontros mensais entre janeiro e março	Seminários e acompanhamento pessoal	Na igreja	R\$2.000,00	Local
Pregar sermões sobre missão	Pastor/anciãos/Líderes e convidados	Um sábado por mês	Temário para séries e vigílias missionárias	Na igreja	-	-
Promover o projeto "Feira de saúde"	Pastor/anciãos/Ministério da Saúde	Abril, agosto e dezembro	"Círculo de saúde", explorando os 8 remédios naturais	Em praça pública, escola, ginásio de esportes	R\$10.000,00	Local/Associação/Prefeitura
Promover o projeto "Chá missionário"	Pastor/anciãos/Ministério da Mulher	Fevereiro, junho, setembro, dezembro	Evento social com palestras	Em escolas públicas, salão de festas, etc.	R\$3.000,00	Local

Objetivo 3 – Batizar 50 pessoas						
Estratégias	Quem	Quando	Como	Onde	Quanto*	Fundos
Estabelecer 50 duplas missionárias no distrito	Pastor/anciãos/Ministério Pessoal	Escolha das duplas em janeiro e capacitação em fevereiro	Sermões, seminários, encontros trimestrais de celebração	Na igreja ou em locais especiais	R\$2.000,00	Local/Associação
Abrir 4 classes bíblicas por igreja	Líderes/instrutores bíblicos	A partir de fevereiro	Classes da igreja, Escola Sabatina, desbravadores, aventureiros e ASA	Na igreja	R\$2.000,00	Local
Atender 100% dos interessados da TV Novo Tempo	Ministério Pessoal	Entre fevereiro e dezembro	Visitação, "Espaço NT" na igreja	Na igreja e em visitas	R\$2.000,00	Local
Visitar 100% dos membros afastados	Duplas missionárias especialmente capacitadas para esse trabalho	A partir de maio	Visitação pessoal	Nas casas	-	-
Ministrar cursos de capacitação à comunidade	Ação Solidária Adventista	A partir de março	Cursos de culinária saudável, panificação, inglês, etc.	Na igreja	R\$10.000,00	Local/Associação/Prefeitura
				<b>Total</b>		
				Verba local	R\$25.000,00	
				Verba da Associação	R\$8.000,00	
				Verba externa	R\$8.000,00	
*Valores meramente ilustrativos						

**Avaliação:** Um encontro pessoal por bimestre com os líderes das atividades, conduzido pelo pastor ou por anciãos habilitados.

Sem planejamento ministerial somos apenas um grupo de pessoas tentando fazer alguma coisa importante e diferente para Deus, com a ideia de que tudo dará certo no fim.

### Do plano à realidade

Um planejamento bem elaborado é importante, mas se os líderes e os membros não se movimentarem para colocá-lo em prática, nada acontece. Para que isso ocorra, além de sermões e programas que incentivem a ação, é necessário investir em dois processos fundamentais: capacitação e avaliação.

Se você não capacitar os líderes locais, dificilmente eles conseguirão executar o planejamento determinado. Por isso, antes de colocar seus planos em ação, treine muito bem seus colaboradores. Ensine-os, por exemplo, a liderar, aconselhar ou resolver problemas. Quanto mais tempo você investir na capacitação, mais resultados positivos terá, pois pessoas bem instruídas tendem a cumprir a missão com efetividade. E não tenha receio de dizer: Gaste mais tempo capacitando do que pregando! O sermão tem grande chance de ser esquecido em pouco tempo. Mas o conhecimento fica gravado na mente e nunca se apaga. Pessoas qualificadas servirão a Deus enquanto você for pastor delas, e depois de sua partida também. E é isto que importa na obra de Deus: transformar membros em discípulos para sempre.

Outro ponto fundamental no processo de execução do planejamento é a avaliação. Essa prática é importante em todos os segmentos da vida. No entanto, muitos não

gostam de ser avaliados, pois se sentem desconfortáveis com a realidade muitas vezes descoberta. Contudo, quem não avalia regularmente o que está fazendo, como pode ter certeza de que está certo no que está fazendo? E como saber se vai alcançar seus objetivos?

A falta de avaliação é um dos principais problemas no processo de colocar os planos em ação. No papel, tudo parece dar certo, mas muitas vezes isso não ocorre na realidade por falta de avaliação constante. Não existe mágica! Os objetivos são alcançados quando são perseguidos com muita dedicação, suor e avaliação.

Quando avaliamos com transparência a execução do planejamento, e recomendado que isso seja feito a cada dois meses, conseguimos corrigir as rotas equivocadas, antes que nos levem ao fracasso. A avaliação deve estar baseada naquilo que está proposto no plano aprovado. Não se pode avaliar o que não foi planejado. Certo ditado diz que é “mais fácil corrigir o curso do navio enquanto ele ainda não foi muito longe, do que corrigi-lo no fim da viagem, quando já chegou a seu destino”.

Ao avaliar, é preciso ter cautela com alguns detalhes importantes. Em primeiro lugar, avalie processos, não pessoas. Lembre-se de que, na igreja, geralmente todos são voluntários que dedicam tempo, recursos e dons pela causa do evangelho. Outro ponto de destaque é não permitir que a avaliação se torne motivo para confrontos pessoais.

Durante o processo avaliativo, prefira fazê-lo de forma individual, pois a pessoa fica mais à vontade para conversar. Quando a avaliação ocorre em grupo, alguns líderes podem se sentir constrangidos ou humilhados por causa das comparações que podem, eventualmente, surgir durante a reunião. Em uma conversa pessoal, procure fazer perguntas diretas aos líderes sobre as estratégias e os objetivos propostos, a fim de que encontrem respostas

seguras para as devidas mudanças, caso sejam necessárias. Seguem algumas perguntas sugestivas para esse encontro:

1. Quais objetivos sob sua responsabilidade foram alcançados? Se ainda não foram atingidos, o que aconteceu? Elogie o líder pelo trabalho já realizado e as conquistas obtidas. Caso alguma meta não tenha sido realizada, analise detalhadamente por que isso não aconteceu e identifique se houve algum erro estratégico.

2. O que precisamos fazer para alcançar o que não alcançamos? Quais estratégias podemos usar para cumprir os objetivos estipulados? Estude cuidadosamente novas estratégias para atingir essas metas.

3. Faltou algum tipo de capacitação ou material de apoio para executar as estratégias estipuladas? Se houve falta de treinamento ou de material, providencie-os rapidamente.

Ao fim da conversa, agradeça o trabalho realizado para Deus até aquele momento e motive o líder avaliado a continuar avançando em busca dos objetivos propostos. Não se esqueça de que o acompanhamento e os feedbacks positivos são atitudes fundamentais para gerar cadência de responsabilidade, engajamento e ação em torno das metas existentes em seu planejamento.

### Conclusão

O planejamento é uma ferramenta importantíssima no processo de conduzir a igreja no cumprimento dos sonhos de Deus para ela. Se você falhou em algum planejamento, não desista. Olhe para frente e coloque em prática o que não foi feito. Use os erros como experiência para sua vida ministerial, erga a cabeça, confie no Senhor e avance. Ele conta com você! **M**

#### CEZAR CAMACHO

pastor em Campo Limpo Paulista, SP



## Novo conteúdo

Artigos teológicos

Artigos práticos

Sermões

Documentos oficiais

Revista Ministério

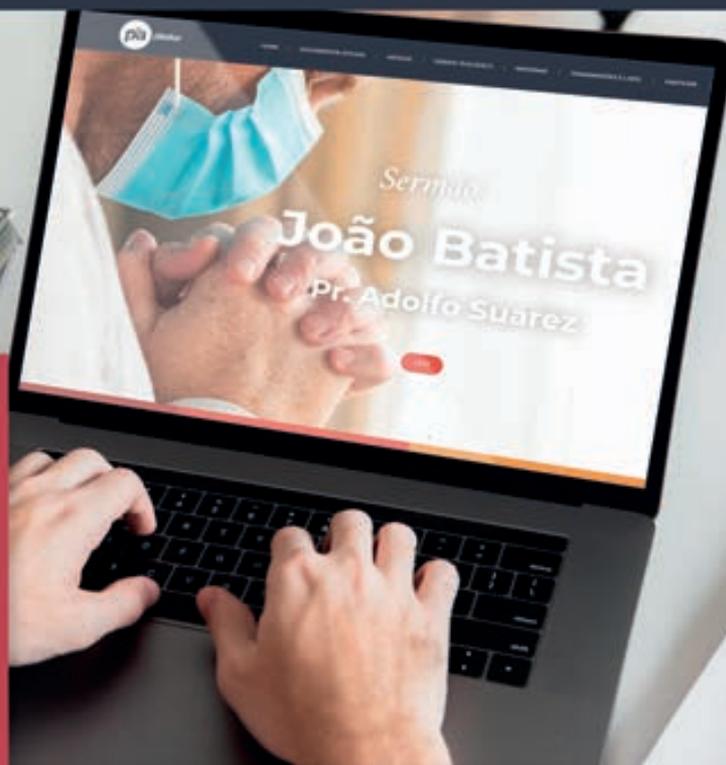
Revista do Ancião

Revistas teológicas

Recursos infográficos

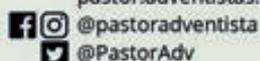
Podcast **7cast**

E muito mais



# PORTAL DO PASTOR E DO ANCIÃO

Este portal renovado oferece ferramentas e recursos úteis para ministérios em várias áreas para maior comunicação dentro da Divisão Sul-Americana. Na busca desses objetivos, novas ferramentas, modernas e simples, serão constantemente adicionadas ao portal.



Fale conosco  
pastor.adventistas.org/pt | pastor.pt@adventistas.org

@pastoradventista  
@PastorAdv



# MAIS QUE SENTIMENTO

A *'aqedah* de Isaque  
e o paradigma do amor

André Vasconcelos



**H**á pouco mais de um ano e meio, o Brasil ficou perplexo diante de um dos episódios mais tristes de sua história. No dia 13 de março de 2019, ocorreu um massacre na escola estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano, região metropolitana de São Paulo. A tragédia ceifou a vida de cinco alunos, duas funcionárias da escola, os dois assassinos e o tio de um deles.

Um das vítimas foi Samuel Melchiades, de 16 anos. A história do jovem, que era membro da Igreja Adventista e integrante do Clube de Desbravadores, repercutiu na imprensa nacional. Isso porque, segundo a estudante Rafaela Macedo, amiga da vítima e testemunha dos fatos, Samuel teria salvado uma garota colocando-se na frente dela e impedindo-a de receber dois tiros.

Essa história de amor abnegado ilustra muito bem um acontecimento descrito em Gênesis 22: o sacrifício de Isaque. Embora Abraão tenha oferecido o filho amado como oferta ao Senhor, e não se entregado altruisticamente em lugar de outra pessoa como o jovem Samuel, ambos os relatos demonstram que o verdadeiro amor envolve sacrifício, resignação e entrega. Mas o que a experiência de Abraão e Isaque no Moriá tem a nos ensinar sobre o amor? Qual é a relevância desse assunto para nosso tempo?

## Panorama interpretativo

O relato de Gênesis 22 tem inspirado teólogos e pensadores ao longo da história. Na tradição judaica, o sacrifício de Isaque é conhecido como *'aqedah yitzchaq*, que significa literalmente a "ligadura de Isaque". Esse nome tem origem no verbo "amarrar", do hebraico *'aqad*, usado em Gênesis 22:9.

Entre os intérpretes judeus, a *'aqedah* se tornou um exemplo supremo de lealdade a Deus e à Torá, mesmo diante do autossacrifício. Esse relato, mais do que qualquer outro, encorajou o povo judeu a enfrentar o martírio (*kiddush HaShem*) frente às perseguições romanas, cristãs e muçulmanas.<sup>1</sup>

Também se tornou um símbolo de expiação. O targum Neofiti, por exemplo, afirma: "E agora oro por misericórdia diante de Ti, ó Senhor Deus, quando os filhos de Isaque vierem a sofrer, lembrai-os da *'aqedah* de Isaque, seu pai, e libertai-os e perdoai-lhes os pecados" (Gn 22:14).<sup>2</sup> O rabi Yishmael chega inclusive a comparar o sacrifício de Isaque com a oferta da Páscoa, cujo sangue deveria ser espargido sobre os umbrais das portas: "E quando Eu [o Senhor] vir o sangue? [...] O que Ele viu? O sangue da ligadura de Isaque".<sup>3</sup>

A ideia de expiação está tão presente na interpretação judaica de Gênesis 22 que esse texto se tornou parte da liturgia de Rosh Hashanah, o ano-novo judaico. Nesse dia de juízo, além de estudar o capítulo 22, os judeus oram: "Recorda, ó Eterno, nosso Deus, o pacto, a benevolência e o juramento que fizeste a Abraão, nosso pai, no monte Moriá, e quando Abraão, nosso pai, amarrou seu filho Isaque em cima do altar [...]. Assim, subjuga Tua misericórdia à Tua cólera, e na Tua grande bondade, afasta do Teu povo o furor da ira".<sup>4</sup>

Para os cristãos, a *'aqedah* está alinhada com o conceito de expiação, na medida em que aponta tipologicamente para o sacrifício de Jesus.<sup>5</sup> Nesse caso, a prova de Abraão e Isaque no monte Moriá é interpretada como uma antecipação da experiência que Deus, o Pai, e Jesus, o Filho, vivenciarão no Calvário. Abraão teria sentido a angústia de entregar seu único filho como sacrifício, ao passo que Isaque teria experimentado o peso da separação do pai (Mt 27:46) e se entregado voluntariamente (ver Lc 23:46), assim como Jesus.

A influência desse relato também provocou intensa reflexão filosófica. Pensadores como Immanuel Kant, Søren Kierkegaard, Martin Buber e Emmanuel Lévinas escreveram sobre o assunto. Kierkegaard chegou a dedicar uma obra inteira, intitulada *Temor e Tremor*, para refletir sobre a experiência de fé perpetuada por Abraão, o "cavaleiro da fé", no monte Moriá.

Esses exemplos são uma pequena amostra do impacto causado pela história do "sacrifício de Isaque" no pensamento religioso e filosófico. No entanto, algo chama atenção. Embora muito tenha sido escrito sobre o relato, poucos, como o escritor israelense Meir Shalev, no livro *Beginnings: Reflections on the Bible's Intriguing Firsts*, se dedicaram a refletir acerca do amor nessa passagem.

## Relato bíblico

A narrativa começa com a ordem divina para sacrificar Isaque, levando de uma vez por todas ao fim a odisseia espiritual de Abraão. O patriarca havia sido submetido a muitas provas severas desde que começara sua jornada com o chamado de Deus em Harã. Além de deixar tudo para trás e partir para uma terra estranha (Gn 11:31-12:1-3), enfrentou a fome (Gn 12:10), a guerra (Gn 14) e a dor de exilar seu filho Ismael (Gn 21:8-21).

Entretanto, nenhuma dessas experiências se igualou à prova narrada em Gênesis 22. No capítulo 12, Deus pediu a Abraão que deixasse sua terra, casa e família. No capítulo 22, o Senhor lhe pediu que sacrificasse seu filho amado e abandonasse a esperança de se tornar pai de uma grande nação, já que a promessa de posteridade estava vinculada à vida de Isaque.

O texto diz que Abraão deveria oferecer seu filho como holocausto na terra de Moriá. A segunda parte dessa ordem é similar à de Gênesis 12, na qual o Senhor também lhe pediu que fosse a uma terra. Essas passagens são unidas pela expressão "vai-te", do hebraico *lekh-lekha*. Tal expressão, que funciona como uma moldura narrativa, ocorre somente em Gênesis 12:1 e 22:2 que são, respectivamente, a primeira e a última vez que Deus falou com o patriarca.

Algo curioso pode ser observado na ordenança registrada em Gênesis 22:2. O requerimento divino se parece mais com um pedido do que com um mandamento. Isso porque, no texto hebraico, a ação

exigida por Deus – “toma teu filho” – é seguida pela palavra *na’*, “por favor”. Como Gordon Wenham observou, o uso dessa partícula enclítica é raro nas ordenanças divinas.<sup>6</sup>

O pedido de Deus é assustador e aparentemente cruel. Abraão não deveria simplesmente sacrificar o filho amado, mas oferecê-lo como holocausto. É importante lembrar que, nesse tipo de oferta, a vítima era esfolada, cortada em pedaços e totalmente queimada (Lv 1:1-17).



Relevo barroco da prova de Abraão em Palermo, Itália

Isso deve ter quebrantado o coração do idoso patriarca. Ele, contudo, se submeteu ao pedido divino e disse: “Eis-me aqui” (Gn 22:1, 11). Kierkegaard retratou muito bem a atitude de Abraão diante desse cenário desolador: “Existiram grandes homens pela sua energia, sabedoria, esperança ou amor – porém Abraão foi o maior de todos: grande pela energia cuja força é fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, pela esperança cuja forma é demência, pelo amor que se resume em ódio a si mesmo.”<sup>7</sup>

Abraão fez os preparativos para a viagem e seguiu rumo à terra de Moriá. O fato de Sara não ser citada parece indicar que ela desconhecia os planos do marido. Talvez Abraão quisesse evitar que ela lançasse dúvidas sobre ele, como no caso da promessa do filho (ver Gn 16; 18:10-15).

Na sequência, Gênesis 22:3 sugere que não houve diálogo durante os três dias de peregrinação. O clima da viagem era pesado, com um nítido tom de angústia. Nahum Sarna constata que, na Bíblia, “três dias constituem um segmento significativo de tempo, particularmente em conexão com viagens”.<sup>8</sup> Isso quer dizer que Abraão teve tempo suficiente para refletir no pedido de Deus e repensar sua

A “ligadura de Isaque” nos ensina que o amor envolve resignação, entrega e sacrifício; que o sentimento não deve ser um empecilho para viver em conformidade com a Palavra de Deus.

atitude. Mesmo assim, o patriarca se manteve resoluto.

A parte final do verso 5 revela a esperança de Abraão de retornar com Isaque: “voltaremos para junto de vós”, disse o patriarca a seus servos. Abraão acreditava que, de alguma forma, Isaque voltaria com ele. Hebreus 11:19 confirma essa ideia ao mencionar que Abraão considerou que Deus era poderoso até para ressuscitar Isaque dentre os mortos.

Pai e filho se afastaram dos servos e foram até o monte Moriá. O ponto central da narrativa parece ser o diálogo entre Abraão e Isaque: “Quando Isaque disse a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?

Respondeu Abraão: Deus proverá para Si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiam ambos juntos” (Gn 22: 7, 8).

O filho amado abriu o diálogo com as palavras “meu pai”, como se fosse um apelo ao sentimento paternal de Abraão. Parece que o idoso patriarca correspondeu a essa expectativa quando disse carinhosamente: “Eis-me aqui, meu filho”. Já a pergunta referente ao cordeiro “sugere uma ingenuidade que torna a ‘futura’ morte de Isaque ainda mais desoladora. Essa impressão é reforçada por sua dócil aceitação da resposta de Abraão, o que mostra que Isaque confiava inteiramente nas boas intenções do pai. Seria ele perspicaz o bastante para perceber através da resposta enigmática de seu pai que ele estava destinado a ser o cordeiro sacrificial? [...] De qualquer forma, nossa apreciação pelo amor confiante que existia entre pai e filho é reforçada.”<sup>9</sup>

Isaque entendeu que ele era o sacrifício e se submeteu totalmente à vontade do pai. Embora arrasado, Abraão estava disposto a cumprir cabalmente a ordem divina. Não hesitou ao executar sua missão. Tinha fé que, de algum modo, Deus lhe restituiria o filho amado.

No momento crucial, quando estava prestes a tirar a vida do próprio filho, o quebrantado patriarca foi providencialmente impedido pelo Anjo do Senhor (v. 11, 12). Naquele instante, Abraão olhou para trás e “viu” um carneiro preso pelos chifres (v. 13); então entendeu que Deus providenciaria um substituto. Por isso chamou aquele monte de o lugar em que “o SENHOR proverá”. Existe, porém, um detalhe que passa despercebido na tradução desse verso. O termo hebraico vertido ao português como “prover” é *ra’ah*, que significa literalmente “ver”. Abraão chamou aquele local de o lugar onde “o SENHOR verá” porque foi ali que “viu” o carneiro preso pelos chifres.

Jesus fez referência a esse episódio quando disse que Abraão “alegrou-se por ver o Meu dia” (Jo 8:56). Essa observação legitima a abordagem judaico-cristã que

enxerga no relato da *'aqedah* uma referência à expiação e demonstra a solidez da relação tipológica entre o Moriá e o Calvário.

Embora o texto afirme duas vezes que pai e filho caminharam “juntos” (Gn 22:6, 8), o narrador parece indicar que houve um cisma entre eles após aquele episódio. Isso fica evidente no verso 19. Abraão foi sozinho ao encontro dos servos, contrariando seu desejo anterior (v. 5), e retornou “junto” com eles para Berseba. Ou seja, Abraão voltou com os servos e não com o filho amado.

Isaque reaparece na história somente em Gênesis 24:62, habitando no Neguebe, possivelmente em Beer-Laai-Roi (ver Gn 16:14). O deserto do Neguebe ficava localizado um pouco mais ao sul de Berseba, o local em que Abraão havia fixado residência (Gn 22:19). Portanto, o texto sugere que, depois daquele episódio, Abraão tomou uma direção e Isaque outra.

Dessa maneira, o episódio ocorrido no monte Moriá é um tipo da experiência do Calvário. Ambos os montes presenciaram um pai amoroso que entregou o filho como sacrifício, assim como um filho separado do pai que se submeteu irrestritamente à vontade dele.

## Primeiro amor

Toda a tensão vivenciada no Moriá torna a declaração de Gênesis 22:2, “toma teu único filho, Isaque, a quem *amas*”, ainda mais impressionante. É nesse contexto de sacrifício, entrega e separação que o verbo “amar”, no hebraico *'ahav*, é empregado pela primeira vez na Bíblia. Curiosamente, esse termo não é usado para se referir ao amor de um homem por uma mulher nem ao amor de uma mãe pelos filhos, mas ao amor de um pai por seu filho único.

Mais interessante ainda é o fato de essa declaração não ser atribuída a Abraão nem ao narrador, mas ao próprio Deus. Meir Shalev foi muito feliz ao compará-la com o relato da criação.<sup>10</sup> Na prerrogativa de criador, o Senhor é quem atribui nome às obras de Sua mão. Assim como chamou a

luz de “dia” e as trevas de “noite”, a porção seca de “terra” e o ajuntamento das águas de “mares”, Ele chamou o sentimento de Abraão pelo filho de “amor”.

Deus é quem define o que é amor. Para Ele, “amor” equivale ao sentimento do pai pelo filho. Isso quer dizer que o Senhor materializou todo o afeto de Abraão por Isaque, o filho que o patriarca tanto havia almejado e esperado, na palavra “amor”. Esse é o paradigma do amor nas Escrituras.

Hoje, muitas pessoas confundem o amor verdadeiro com permissividade e complacência. Por um lado, é fato que o amor de Deus, expressão máxima do amor genuíno, não está condicionado à obediência (Rm 5:8); por outro, como exemplificado no “sacrifício de Isaque”, o amor não deve ser uma barreira para agir em harmonia com a palavra do Pai Celestial.

É cada vez mais comum ouvir cristãos influentes rebaixarem a necessidade de uma vida pautada pelas Escrituras. Mudança de hábitos e transformação de vida são encaradas como imposições arbitrárias de uma religião que se opõe ao “amor” de Deus. Frases como “se a religião te faz mal, ela não pode ser de Deus” ou “Jesus é leve” desconsideram o verdadeiro significado do amor na Bíblia.

Ao contrário dessa ideia, a “ligadura de Isaque” nos ensina que o amor envolve resignação, entrega e sacrifício; que o sentimento não deve ser um empecilho para viver em conformidade com a Palavra de Deus. Também nos revela que amar, às vezes, pode ser uma experiência dolorosa e angustiante. O conceito bíblico de amor, no entanto, não parece agradar aqueles que buscam uma definição do termo em meios puramente seculares e até mesmo profanos.

Abraão, por meio de uma ação simbólica, vivenciou como ninguém a verdadeira e divina experiência de amar incondicionalmente. O amor revelado no Moriá foi uma antecipação miniaturizada do amor eternizado no Calvário, que extrapolou a dimensão pai-filho e alcançou toda a

humanidade: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

O relato da *'aqedah*, assim como a experiência do jovem Samuel, ilustra e exemplifica o amor divino demonstrado no Calvário. Amar, à luz da cruz de Cristo, é entregar o melhor; é abrir mão do próprio desejo; é se submeter à vontade de Deus. Como disse o apóstolo João, “nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou e enviou Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 4:9, 10). Portanto, concluiu João, “se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (v. 11). Isso é o que Ele espera de cada um de nós! **TM**

## Referências

<sup>1</sup> Nahum M. Sarna, *The JPS Torah Commentary: Genesis* (Filadélfia, PA: Jewish Publication Society, 1989), p. 394.

<sup>2</sup> Ver Jubileus 17:15 e 49:1.

<sup>3</sup> *Mekilhta do Rabbi Yishmael*, Êxodo 12:13, disponível em [https://www.sefaria.org/Mekilhta\\_d'Rabbi\\_Yishmael.12.13?lang=bi](https://www.sefaria.org/Mekilhta_d'Rabbi_Yishmael.12.13?lang=bi).

<sup>4</sup> Jairo Fridlin e Vitor Fridlin (eds.), *Marzor Completo* (São Paulo: Sêfer, 1997), p. 204.

<sup>5</sup> Ver *Epístola de Barnabé* 7:3; Melito de Sardes, *Catena Sobre Gênesis* (Alexander Roberts, James Donaldson e A. Cleveland Coxe, *The Ante-Nicene Fathers: Translations of the Writings of the Fathers Down to A.D. 325* [Oak Harbor: 1997], v. 8, p. 759); Irineu, *Contra Heresias* 4.5.4 (Roberts, Donaldson e Coxe, v. 1, p. 467); Tertuliano, *Resposta aos Judeus* 10 (Roberts, Donaldson e Coxe, v. 3, p. 164), *Contra Marciano* 3.18 (Roberts, Donaldson e Coxe, v. 3, p. 336).

<sup>6</sup> Gordon J. Wenham, *Word Biblical Commentary: Genesis 16-50* (Dallas, TX: Word, 2002), p. 104.

<sup>7</sup> Søren Kierkegaard, *Temor e Tremor* (São Paulo: Hemus, 2008), p. 12.

<sup>8</sup> Sarna, p. 151. Ver Gn 31:22; 42:18; Êx 3:18; 15:22; Nm 10:33; 33:8; Jn 3:3.

<sup>9</sup> Wenham, p. 108.

<sup>10</sup> Meir Shalev, *Beginnings: Reflections on the Bible's Intriguing Firsts* (Nova York: Harmony Books, 2011), p. 16, 17.

**ANDRÉ VASCONCELOS**

editor na Casa Publicadora Brasileira



# ATENÇÃO E SENSIBILI

O que é preciso saber para ajudar  
pessoas com deficiência

Patrick Johnson

“**N**ão quero mais visitar outras igrejas com você!” Olhei pelo retrovisor e vi Espen no banco de trás, olhando pela janela com uma feição resoluta. Com 15 anos de ministério, até aquele momento, eu sempre havia tentado levar minha família comigo em programações de igrejas fora de meu distrito pastoral. Estar na Inglaterra deu-lhe a oportunidade de experimentar diferentes culturas congregacionais, o que pensei que fosse uma boa forma de educação. Por isso, a declaração de meu filho foi um choque.

Inicialmente, achei que fosse a reação normal de um adolescente inconformado. Mas como ele é o mais velho de meus três filhos, e um referencial para as duas irmãs, percebi que não podia permitir que a afirmação dele não fosse considerada.

# DADE

“E por que não?”, perguntei. Ele continuou descrevendo sua antipatia pela atenção muitas vezes bizarra que recebia das pessoas como cadeirante. Os longos olhares. Os afagos na cabeça como se fosse um animal de estimação. Estranhos querendo lhe dar um abraço sem motivo aparente, colocando as mãos nele e querendo orar por ele sem sequer pedir. Então, meu filho concluiu: “As pessoas não me veem; apenas veem minha cadeira de rodas.” Essa afirmação me atingiu como um raio!

Espen é parte tão fundamental da nossa vida cotidiana que eu nunca havia pensado sobre como ele, uma pessoa com deficiência física, experimentava a igreja. Foi o estímulo inicial que me fez pensar melhor sobre a experiência dos deficientes em relação à igreja. O que nos faz ver as pessoas com deficiência com uma atenção tão especial? Sem dúvida, as teorias sociais e psicológicas explicam isso; mas, e quanto à igreja? Devemos esperar uma atitude diferente dos cristãos? Como o pastor pode criar um ambiente congregacional naturalmente inclusivo?

Primeiro, eu havia pensado em escrever uma lista de coisas importantes para os pastores estarem cientes quando se trata de deficiências. No entanto, isso pode nos levar à armadilha do paternalismo, que facilmente se torna a atitude padrão nos círculos cristãos. Autores como Roy McCloudhry lamentam que a igreja frequentemente falhe em ouvir as

pessoas com deficiência. “Uma das coisas mais frustrantes acontece quando outras pessoas debatem o significado de sua vida sem consultá-lo sobre isso. No entanto, isso é feito repetidamente com os deficientes.”<sup>1</sup> Para evitar outra “frustração”, gostaria de permitir que as vozes das pessoas com deficiência sejam ouvidas neste artigo. Em outras palavras, a coisa mais importante que um pastor deve fazer é ouvir o deficiente.

## Diferentes percepções

Minha pesquisa sobre a experiência das pessoas com deficiência envolveu entrevistas com membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia que vivem essa condição. Suas respostas mostraram uma ampla variedade de sentimentos.

*Insignificância.* Alguns deficientes sentem que, como pessoas, não são considerados membros importantes na vida da igreja. Dessa maneira, sentem que têm tão pouco valor para a comunidade que sua ausência não faria falta. Roberto<sup>2</sup> expressou essa sensação quando concluiu: “Quer seja intencional ou não, você se sente um estorvo. E acho que parte disso foi feito para parecer intencional.”

*Discriminação.* Artur descreveu seu desapontamento ao encontrar resistência às suas sugestões de mudanças ou adaptações necessárias para que a igreja pudesse atender às suas necessidades como cadeirante. “Devo dizer que a discriminação que encontrei na igreja é, provavelmente, maior do que outra que encontrei em qualquer outro lugar. Estou falando especificamente sobre minha igreja. Minha experiência nem sempre foi confortável, e às vezes sentia que a maneira pela qual se dirigiam a mim [...] não era o modo pelo qual uma pessoa saudável de 58 anos seria tratada.” O fato de ele pensar que os membros da igreja deveriam compreender mais facilmente o que é ser discriminado como minoria agravou sua decepção.

*Rotulação.* Melissa havia desenvolvido uma condição debilitante crônica que fazia

com que ela precisasse de muletas. Ela descreveu como ficou desapontada por ser intencionalmente excluída de um programa específico de sua igreja.

“Algumas pessoas foram convidadas a contar suas histórias, falar sobre seus desafios, etc. A ideia era as pessoas contarem sobre seu progresso, ou sua cura ou o que quer que as estivesse mantendo e lhes trazendo conforto. Uma das minhas filhas ‘adotivas’ da igreja foi perguntar porque eu não havia sido convidada a participar do programa. Então lhe disseram: ‘Bem, não a convidamos porque ela é deficiente, não pode andar; então não lhe pedimos para cantar.’ Eu não uso meus pés para cantar. Não uso minhas mãos para cantar. De fato, a parte mais forte do meu corpo é minha boca, e isso é a única coisa de que necessito para cantar! O engraçado sobre isso é que oito anos antes de ficar doente, eu costumava cantar quase todos os sábados naquela igreja.”

*Inclusão.* Nunca se deve subestimar o poder da inclusão de pessoas com deficiência nos ministérios da igreja. Ricardo descreveu sua experiência: “Houve um tempo em que eu não era incluído. Não acho que tenha havido nada de desagradável nisso. Acho que talvez as pessoas não me considerassem porque sou cego. Mas todos nós temos talentos, todos temos habilidades diferentes. Eu costumava ir à igreja e depois voltar para casa. Mas desde que me tornei diácono, fiquei maravilhado! Estou feliz, porque sinto que estou envolvido, sinto que estou oferecendo algo.”

Joana, que é cega, tornou-se ativa em sua congregação local como resultado de sua própria iniciativa. “Quando fui batizada, houve um grande batismo de cerca de 20 pessoas. Depois, começaram a alocar as pessoas em vários departamentos. Eu, porém, não fui designada a nenhum lugar. Fui até o ancião e disse: ‘Espere aí, todo mundo foi colocado em algum lugar, e eu?’ A reclamação foi ignorada. Então fui ao pastor, dizendo: ‘Eu preciso ser colocada em algum ministério também’.

Eles nunca me alocaram em lugar algum. Então, quando começaram a anunciar coisas diferentes, como o ministério nos presídios, coloquei meu nome na lista. Te-lefonei para o responsável, perguntando o que precisava fazer para participar. Você tem que acompanhar as coisas. Então, finalmente, as pessoas perceberam: 'Oh, ela pode fazer algo'. A partir de então, fui convidada a me envolver mais."

*Insensibilidade.* Joana também experimentou a insensibilidade de algumas pessoas. Uma vez, enquanto estava sentada na igreja, ouviu uma mulher algumas fileiras atrás dela comentando sobre sua cegueira e família. "Como ela conseguiu encontrar um marido e ter filhos? Eu nem consigo arrumar um esposo!" A avaliação de Joana mostra sua mágoa:

"Essas coisas podem realmente machucar, se você não for uma pessoa forte. Durante os últimos cinco anos, fiquei tão desanimada que disse que não voltaria à igreja. Mas então, novamente, recordei-me de que Deus me chamou e não estou aqui por eles. A deficiência em si é fácil de lidar, em comparação com a forma pela qual as pessoas me consideram. Às vezes, quando elas abrem a boca, fico me questionando: 'Elas pensam que eu não tenho sentimentos?'"

## O que podemos aprender?

Espero que você consiga ouvir essas vozes sem adotar uma atitude defensiva. Lembre-se de que a coisa mais importante que um pastor deve fazer é ouvir o deficiente. Ao dedicar tempo para fazer isso, você encontrará experiências positivas: a inclusão nos ministérios, a proatividade para fazer as adaptações necessárias a fim de atender às necessidades deles, a aceitação de vários níveis de envolvimento e a existência de amigos que dão ao deficiente a sensação de estar socialmente incluído.

Alice, por exemplo, expressou como estava feliz por ser organista em sua congregação. Quando questionada se ela já havia se sentido excluída da comunhão da igreja,

respondeu: "Longe disso! Sinto-me totalmente incluída." Participar ativamente de um pequeno grupo fez com que ela tivesse bons amigos na igreja e lhe deu um forte senso de pertencimento.

Ela passou a explicar que não dá muita importância às suas limitações, e isso parece influenciar toda sua vivência na igreja. "Eu faço o que posso e as pessoas parecem saber disso. Elas aceitam e eu aceito, e nós rimos da situação. Às vezes, perguntam: 'Como você está?' E eu respondo 'Está muito difícil, mas... tento viver o presente!'" Assim, ter espaço para ser ela mesma e saber que é aceita fez com que sua experiência fosse muito proveitosa.

A participação obviamente tem um impacto muito positivo nas pessoas com deficiência física. No entanto, também pode ter aspectos negativos. Margarete estava muito feliz por estar envolvida na igreja, mas expressou uma preocupação: "Às vezes, as pessoas pressionam a fazer tantas coisas, esperam que se faça tanto, mas se esquecem de que você está doente." Ela parece expressar um tipo de "pressão de herói" que a impele a ter um desempenho além do normal para alguém que tem certas limitações.

Samanta teve a seguinte percepção: "Às vezes, as atitudes das pessoas podem ser bastante frustrantes, especialmente quando elas querem ver você como uma inspiração. Sinto isso especialmente na comunidade da igreja. [...] Há uma pessoa em particular que habitualmente se aproxima de mim dizendo: 'Você está bem, certo?' E sempre acho que isso está me dizendo que tenho que estar bem. Não tenho permissão para estar de outra maneira. Às vezes, isso não é verdade. Obviamente, as pessoas que estão mais próximas de mim aceitam, mas outras querem me ver quase como uma heroína, conseguindo lidar com toda a carga que está sobre mim. E nem sempre consigo fazer isso."

Margarete e Samanta ilustram uma questão identificada por alguns comentaristas como a "armadilha dos Jogos

Paraolímpicos": "Devo ser excepcional para ser aceito?" Apesar disso, Samanta continuou descrevendo os membros da igreja da seguinte maneira: "Eles realmente são incríveis. [...] Acho que, de modo geral, todos são compreensivos e estão 100% disponíveis para mim quando preciso de algo." Ela explicou que eles estavam cientes de suas necessidades e mais do que dispostos a fazer adaptações para atendê-las.

## Conclusão

Foi gratificante descobrir que uma grande parte das pessoas que entrevistei expressou satisfação com seu nível de inclusão e participação na igreja e a proatividade de sua congregação em tentar atender suas necessidades. Tiago expressou isso da seguinte maneira: "Eles eram muito bons. Se eu precisasse de algo, vinham e me perguntavam. E não de uma forma condescendente, porque obviamente posso ter algumas necessidades adicionais que outras pessoas não têm. Se eu quisesse, eles apenas perguntavam de uma forma aberta e resolviam as coisas, para que eu pudesse participar. Mas se eu não quisesse, tudo bem."

Mais uma vez, dar espaço para que a pessoa esteja envolvida o quanto quiser ajuda muito a tornar a igreja uma experiência agradável. Portanto, deixe-me compartilhar com você o que consideraria uma das maiores lições que aprendi como pai: a deficiência não define Espen. Por isso, o deficiente deve ser tratado sem preconceitos, com a mesma dignidade e respeito que todas as pessoas merecem. **TM**

## Referências

<sup>1</sup> Roy McCloughry, *The Enabled Life: Christianity in a disabling world* (Londres: SPCK, 2013), p. 19.

<sup>2</sup> Todos os nomes são pseudônimos.

### PATRICK JOHNSON

secretário ministerial para a Igreja Adventista na Divisão Trans-europeia



Erton Köhler

Desde o início de 2020, quando a pandemia do novo Coronavírus alcançou também a América do Sul, a sociedade e a igreja passaram a conviver com muitas incertezas. Ouvimos sobre um novo normal, mas ninguém sabe exatamente como ele será. Fala-se de um forte impacto nas finanças globais, porém seus efeitos reais são incalculáveis. Há uma busca permanente pela imunização de todas as pessoas, contudo isso ainda não aconteceu. A crise sanitária se misturou com posições políticas, e os resultados disso são imprevisíveis. Os meios virtuais passaram a dominar todas as áreas da vida. Mas, até onde o mundo deixará o toque e passará a ser *tech*?

A situação é tão grave que, segundo Yuval Noah Harari, historiador israelense, “crises como a do Coronavírus podem despertar os demônios interiores da humanidade”. Em outras palavras, podem trazer à tona o que os seres humanos têm de pior.

Tantas incertezas têm alimentado o medo, a ansiedade, o sensacionalismo, a incredulidade, mas também a fé. Além disso, têm tornado muito mais desafiadora a vida dos pastores, confirmando as palavras de Ellen White, quando disse que a “Terra não é o lugar de repouso dos cristãos, e muito menos dos escolhidos pastores de Deus.”<sup>1</sup>

Como igreja, continuamos administrando as consequências da longa quarentena e do isolamento social, estamos elaborando planos e projetos com base apenas em possibilidades, buscamos formas de integrar estratégias pessoais e virtuais e trabalhamos para oferecer solidariedade às necessidades imediatas (emocionais, profissionais e alimentares) sem perder o foco em nossa missão de salvar.

Temos dedicado tempo ao diálogo, reuniões, planejamento e oração. Entre outras ações, procuramos estar em sintonia com a linha de frente e atender suas necessidades, buscamos ser ainda mais cuidadosos com o

# OS PLANOS DE DEUS

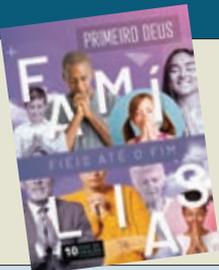
As iniciativas da Igreja Adventista na América do Sul para 2021



uso dos recursos financeiros, incentivamos o desenvolvimento de pessoas por meio do discipulado, fortalecemos a pregação profética dentro de uma moldura de esperança e trabalhamos com todo nosso empenho para manter a igreja viva, ativa e com foco missionário. Tudo isso sem saber exatamente os rumos que o planeta tomará.

Em que podemos encontrar, então, forças para seguir avante diante de tantas incertezas? Na promessa do Senhor, registrada em Jeremias 29:11: “Porque sou Eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, ‘planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro’” (NVI).

Nossas previsões são limitadas, nossa criatividade é restrita, nossa força é frágil e nossos planos não passam de boas intenções. Se tentarmos avançar sozinhos, vamos andar em círculos, ser consumidos pelo medo, paralisados pela pandemia e acuados por outras ameaças. Precisamos dobrar os joelhos e buscar os planos do Senhor. Apenas nas mãos Dele o dano aparente será transformado em prosperidade permanente. “O Senhor pode tirar vitória daquilo que, para nós, pode parecer frustração e derrota. Corremos o perigo de nos esquecermos de Deus e olhar para as coisas que se veem, em vez de contemplar pelos olhos da fé as que não se veem.”<sup>2</sup>

DATA	CELEBRAÇÃO
18 a 27 de fevereiro	 <p><b>10 Dias de Oração</b>, com o tema <i>Famílias Fiéis até o Fim</i> e o chamado para orar pela conversão de nossos familiares.</p>
27 de março a 3 de abril	<b>Evangelismo de Semana Santa</b> , enfatizando sementeira e colheita.
1º de maio	 <p><b>Impacto Esperança</b>, com a entrega do livro <i>Esperança Além da Crise</i>, escrito pelo pastor Mark Finley. Diferentes instituições da igreja se uniram para patrocinar os livros, que chegarão gratuitamente aos membros.</p>
18 a 25 de setembro	<b>Evangelismo da Semana da Primavera</b> , que deve reforçar o ciclo permanente de sementeira e colheita.
20 a 26 de novembro	<b>Projeto Reencontro</b> , uma semana de evangelismo voltado para ex-adventistas, transmitido pela TV, rádio e internet. O reencontro presencial, nas igrejas, deverá ocorrer no dia 27 ou 28 de novembro.

Não podemos negar os efeitos da crise. Quantas pessoas perderam familiares na pandemia? Ficaram sem trabalho? Enfrentaram conflitos espirituais? A situação é realmente grave, mas o legado do Senhor é outro. Ele promete prosperidade em meio à adversidade. E já começou a dar algumas amostras. Você observou quanta gente fortaleceu a vida devocional? Estudou mais as profecias? Voltou para os braços do Pai? Abriu o coração para as questões espirituais? Compartilhou contatos missionários usando os meios virtuais? Foi uma pequena demonstração de que “os limites humanos são a oportunidade de Deus.”<sup>3</sup>

O Senhor nos conclama hoje a dobrar os joelhos com fé, motivar a igreja a clamar pelo batismo do Espírito Santo e buscar conhecer intensamente Seus planos. Afinal, “somente o trabalho realizado com muita oração e santificado pelos méritos de Cristo mostrará, no final das contas, ter sido eficaz.”<sup>4</sup>

Os planos do Senhor ficarão mais claros, mesmo que a crise seja ainda mais forte.

Movidos pela esperança, seremos capazes de encarar o futuro, pois Ele trará nosso mais esperado presente, a volta de Jesus! Podemos confiar que “logo a batalha estará terminada, e a vitória, ganha. Breve veremos Aquele em quem se têm centralizado nossas esperanças de vida eterna. Em Sua presença as provas e sofrimentos desta vida parecerão como se nada fossem.”<sup>5</sup> Mas, enquanto esse dia não chega, precisamos continuar buscando sintonia com os planos do Senhor. Sempre lembrando que, muitas vezes, Ele envia as melhores oportunidades por meio das maiores dificuldades.

Em 2021, vamos trabalhar com as melhores possibilidades que Deus tem colocado em nossas mãos. Vamos priorizar a unidade da igreja; o fortalecimento de nossa identidade bíblica; a visão do discipulado com ênfase na comunhão, no relacionamento e na missão; e a implantação das competências ministeriais. Assim poderemos enfrentar esses tempos tão complexos, trabalhando integrados, com foco claro e criando as melhores condições para

o desenvolvimento pastoral. Acreditando numa frase que li tempos atrás: “Coisas boas chegam para quem acredita, coisas melhores chegam para quem é paciente, e as melhores coisas vêm para quem não desiste.”

Conto com você na execução do *Projeto de Ação Integrada* para 2021. Abrace essas iniciativas como sendo o plano divino para aprofundar a unidade e fortalecer o discipulado.

Sem dúvida, os desafios continuarão diante de nós, pois as mudanças no mundo foram profundas e muito maiores que uma pandemia. Ellen White afirmou que “a obra que está perante nós é daquelas que põem em tensão toda faculdade do ser humano. Isso exigirá o exercício de vigorosa fé e vigilância constante. Por vezes as dificuldades que teremos de enfrentar serão muito desencorajadoras. A própria grandeza da tarefa nos aterrará.”<sup>6</sup> Mas ela também nos assegurou que “com o auxílio de Deus, Seus servos finalmente triunfarão. [...] Jesus estará conosco; Ele irá adiante de nós por intermédio de Seu Espírito Santo, preparando o caminho; e Ele será nosso ajudador em toda emergência.”<sup>7</sup> **TM**

## Referências

- Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 1, p. 371.
- Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 481.
- Ellen G. White, *História da Redenção* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 293.
- Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 362.
- Ellen G. White, *Visões do Céu* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 109.
- Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 2, p. 407, 408.
- Ibid., p. 408.

## ERTON KÖHLER

presidente da Igreja Adventista para a América do Sul



# O PASTOR IDEAL

## Paulo e o paradigma ministerial

Clodoaldo Tavares dos Santos



O nome do apóstolo Paulo certamente se destaca entre os primeiros líderes da igreja cristã. Convertido ao cristianismo de maneira impressionante, o perseguidor passou a ser perseguido, e todos os seus esforços passaram a se concentrar na pregação das boas-novas da salvação em Jesus e contribuição para que a

igreja pudesse triunfar diante das necessidades. Basta considerar o conteúdo de suas 14 epístolas para se certificar disso.

De fato, Ellen White afirma que Paulo “foi uma pessoa designada por Cristo para uma importantíssima obra, alguém que devia ser ‘um vaso escolhido’”.<sup>1</sup> Por sua vez, Udo Schnelle lembra que o apóstolo “foi, sem dúvida, o missionário e pensador teológico proeminente do cristianismo primitivo”.<sup>2</sup>

Diante desse currículo, é interessante pensar nas seguintes perguntas: Podemos estabelecer um paradigma ministerial a partir do exemplo de Paulo? Até que ponto podemos considerar o paradigma paulino como parâmetro para o ministério pastoral adventista contemporâneo?

## O evangelista

O primeiro aspecto a ser considerado é o trabalho de Paulo como evangelista, conforme se encontra no livro de Atos e nas epístolas paulinas. Mauro Pesce considera o evangelismo “como atividade primária do apóstolo, consistindo no anúncio (o queregma) e na fundação de novas igrejas”.<sup>3</sup>

A ideia missiológica que transparece nos relatos é que Paulo, no cumprimento da missão, utilizava estratégias adequadas à realidade em que estava inserido. Em alguns momentos, sua proclamação e seu ensino ocorriam em ambientes públicos (At 13:14-43; 14:14-18; 17:19; 20:17-38; 22:1-21; 23:1-10; 24:10-21; 26:1-32). Em outros, no contexto privativo, das casas (Rm 16:15; Cl 4:15; Fm 2; At 2:46; 1Co 16:19). Em síntese, ele se envolvia em evangelismo público e pessoal, à semelhança de Jesus. Os evangelhos mostram Cristo em ação, fazendo evangelismo público (Mt 7:28; 9:36; Mc 7:31; 10:1; Lc 5:17; 12:54; Jo 8:2) e pessoal (Mt 9:6; 12:10, 15; Mc 1:29; 2:14, 15; Lc 8:51; 19:5; Jo 3; 4). Dessa maneira, o apóstolo não hesitou ao colocar em prática os métodos do Mestre.<sup>4</sup>

Além disso, Paulo não participou da missão de maneira individual. Ele atuava em parceria com a igreja local e também com uma equipe missionária. Atos mostra que o apóstolo costumava viajar com vários colaboradores. As epístolas confirmam essa prática. Em Filipos, por exemplo, ele chegou com uma equipe que parece ter sido composta por Timóteo, Lucas e Silas (At 16). Tempos depois, quando Paulo escreveu aos filipenses, mencionou como seus colaboradores Timóteo e Epafrodito (Fp 2:16-30), e ainda Evódia, Síntique e Clemente (Fp 4:2, 3).

De fato, Paulo deixou claro em alguns textos que seu ministério estava entrelaçado com a evangelização: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1:16). Em 1 Coríntios 9:16 ele afirmou: “Pois, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, porque me é imposta essa obrigação; e aí de mim, se não anunciar o evangelho!” (ACF). O termo grego traduzido por “imposta” é um verbo médio/passivo depoente. Ou seja, é um verbo que possui voz média ou passiva, porém, com significado ativo. Sua forma de voz é diferente de sua função de voz. Paulo realiza a ação por “obrigação”, palavra que pode ser traduzida também como “necessidade”. Ou seja, algo interior o impulsionava fortemente a realizar esta ação, que brota de uma necessidade intrínseca do apóstolo.

Segundo A. T. Robertson, a frase “porque me é imposta essa obrigação” poderia ser traduzida como “porque esta necessidade me está imposta”.<sup>5</sup> Dessa maneira, Paulo reconhecia que a pregação do evangelho era uma necessidade pessoal. Em sua percepção, não havia possibilidade de ele fazer outra coisa nem de receber recompensa alguma por fazê-lo. Em suma, a construção do verso evidencia que o próprio evangelho é o elemento motivador de Paulo para seu compromisso com a missão.

## O pastor

O segundo aspecto do paradigma ministerial de Paulo está relacionado com sua atividade pastoral. Esse trabalho era caracterizado pelas visitas do apóstolo às igrejas fundadas, pelos colaboradores que eram enviados por ele às congregações, por seus conselhos diretos aos líderes das comunidades e também pelo envio de cartas.<sup>6</sup>

Aliás, suas cartas demonstram o cuidado pastoral que ele tinha com a igreja. O uso do termo *merimna* sintetiza essa ideia. Em 2 Coríntios 11:28, Paulo diz: “Além das coisas exteriores, ainda pesa sobre

mim diariamente a preocupação [*merimna*] com todas as igrejas.” William MacDonald afirma que “Paulo levava a cada dia a carga constante das igrejas cristãs em seu coração. Quão significativo que isto seja a culminação de todas suas outras provas”.<sup>7</sup> Tão importante quanto sua preocupação com as igrejas, estava seu cuidado com as pessoas. “Pois não estou interessado nos bens de vocês, e sim em vocês mesmos” (2Co 12:14).

Ao longo da história, um dos grandes perigos enfrentados pelos pastores tem sido alimentar motivos escusos em seu ministério. O exemplo apostólico torna-se referência quando observamos o amor que Paulo nutria pelo povo de Deus, a ponto de declarar: “Eu de boa vontade gastarei e me deixarei gastar em favor de vocês” (2Co 12:15). William MacDonald comenta: “Aqui temos um belo vislumbre da inesgotável busca do apóstolo Paulo pelo bem-estar do povo de Deus em Corinto. Ele estava felizmente disposto a se entregar em serviço incansável e em sacrifício por suas almas, isto é, por seu bem-estar espiritual.”<sup>8</sup>

Nas cartas, outro detalhe que chama atenção é a maneira pela qual Paulo concluía suas mensagens. O fato de saudar nominalmente os fiéis das comunidades cristãs evidencia o tipo de relação interpessoal que ele tinha com os membros das igrejas. Por exemplo, em Romanos 16, Paulo enviou saudações diretas para pessoas que ele chamava de cooperadores (16:3, 21), amigo (16:8) e até “mãe” (16:13). Ao concluir 1 Coríntios, expressou seu sentimento genuíno dizendo: “O meu amor esteja com todos vocês, em Cristo Jesus” (1Co 16:24). Em Atos 20:28, preocupado com a espiritualidade da liderança da igreja, admoestou: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho.”

Outra atividade importante na dinâmica pastoral de Paulo era a visitação. Em Atos 15:36, o apóstolo convidou Barnabé para visitar os irmãos que haviam se convertido nas campanhas evangelísticas da primeira viagem missionária.

Observe que não era uma visita impensada. A motivação era a preocupação com o bem-estar integral dos cristãos e, de maneira especial, dos recém-convertidos. A prática ainda é evidenciada, por exemplo, em textos como Gálatas 1:18, 1 Coríntios 16:5 e 2 Coríntios 12:14.

Portanto, para o apóstolo, a relevância de seu ministério não se resumia simplesmente ao “crescimento numérico ou o poder financeiro ou a construção de templos suntuosos”;<sup>9</sup> mas estava relacionada à saúde espiritual da comunidade da fé, ao cuidado dos membros e envolvimento de todos na pregação do evangelho. Ele era zeloso com a igreja, a doutrina e a evangelização, mas tinha grande preocupação com o ser humano em suas fragilidades, anseios e temores.

## O teólogo

O terceiro aspecto é a imagem de Paulo como teólogo. A importância de suas cartas no Novo Testamento lhe confere um status diferenciado, que ofusca os teólogos cristãos que o seguiram.<sup>10</sup> Expressões como “corpus paulino”, “teologia paulina” ou “pensamento paulino” evidenciam a grandeza desse preeminente líder do cristianismo.

Uma análise histórica da influência paulina na teologia é reveladora. Por exemplo, Agostinho elaborou suas ideias teológicas a partir de suas reflexões sobre os escritos de Paulo.<sup>11</sup> A Reforma Protestante teve sua origem relacionada às conclusões extraídas das cartas do apóstolo. Teólogos influentes como Karl Barth, Rudolf Bultmann e Emil Brunner se tornaram pensadores reconhecidos por suas incursões nas epístolas paulinas.<sup>12</sup> A influência dos escritos de Paulo para o cristianismo ainda desperta o interesse de muitos estudiosos contemporâneos.

A teologia paulina é apresentada em suas epístolas e está inseparavelmente relacionada ao caráter do diálogo que ele tinha com seus destinatários e à análise e contextualização histórica.<sup>13</sup> Ou seja, sua teologia participava de uma estrutura

de retroalimentação sistêmica com a igreja. Isso é evidenciado pelas situações teológicas abordadas.

Diante de um método de interpretação enraizado na cultura judaica da época e da influência de correntes filosóficas variadas, Paulo é encontrado no desafio de desenvolver um pensamento que sistematize o escopo teológico-doutrinário cristão que prevaleça ante os sistemas concorrentes e discursos cultural-religiosos predominantes,<sup>14</sup> preservando sua fundamentação bíblica.

Seu conhecimento teológico é vasto, comprovado pela sua abordagem ampla e profunda. Isso sem falar de sua compreensão a respeito das correntes de pensamentos filosóficos de seu tempo. Por exemplo, em Atos 17, além de dialogar com representantes do pensamento epicureu e estoico, Paulo citou intertextualmente Aratu, Cleandro e Epimênides.

O apóstolo jamais permitiu que a teologia o afastasse de seus irmãos. Afinal, “ser teólogo não significava afastar-se do povo, mas comprometer-se com ele”.<sup>15</sup> A abordagem teológica paulina estabelecia uma autêntica convergência entre preceitos da fé cristã como meios para a compreensão individual para a salvação humana, interferindo assim em seu contexto existencial. Segundo Derek Tidball, o objetivo do ensino teológico de Paulo era “fortalecer os crentes, dar-lhes mais conhecimentos sobre a identidade e salvação deles, dar-lhes um grande apreço e confiança em Cristo e Sua obra, incentivar a sua unidade como um reflexo do evangelho de reconciliação e instruí-los na vida ética”.<sup>16</sup>

## Conclusão

Conforme a experiência de Paulo, o ministério pastoral está centrado no evangelho e tem origem nele. É verdade que qualquer anacronismo entre o contexto do ministério paulino e o atual desconstruiria um dos grandes princípios paradigmáticos ensinado pelo próprio apóstolo, o da contextualização (1Co 9:20-22). Entretanto,

para responder as perguntas apresentadas na introdução deste artigo, é preciso elaborar outros três questionamentos. Há necessidade atual de evangelização? A sociedade, sobretudo a família da fé, precisa de pastoreio marcado pelo cuidado e pela visitação? Precisamos de teólogos com conhecimento amplo e profundo? Se as respostas forem positivas, então, fica evidente que o paradigma paulino de ministério pastoral, marcado pela evangelização, pelo pastoreio e preparo teológico, são válidos contemporaneamente.

## Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 120.
- <sup>2</sup> Udo Schnelle, *Teologia do Novo Testamento* (Santo André, SP: Academia Cristã, 2010), p. 256.
- <sup>3</sup> Mauro Pesce, *As Duas Fases da Pregação de Paulo* (São Paulo: Loyola, 1996), p. 15.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 143.
- <sup>5</sup> A. T. Robertson, *Comentário al Texto Griego del Nuevo Testamento* (Barcelona: Clie, 2003), p. 443.
- <sup>6</sup> Pesce, *As Duas Fases da Pregação de Paulo*, p. 15.
- <sup>7</sup> William MacDonald, *Comentário Bíblico de William MacDonald: Antigo Testamento y Nuevo Testamento* (Barcelona: Clie, 2004), p. 843.
- <sup>8</sup> MacDonald, *Comentário Bíblico*, p. 845.
- <sup>9</sup> Thomas W. Hill, Roberto Fricke, Edgar Baldeón, Gustavo Sánchez, *Comentário Bíblico Mundo Hispano: 1 y 2 Corintios* (El Paso, TX: Mundo Hispano, 2003), p. 315.
- <sup>10</sup> James Dunn, *A Teologia do Apóstolo Paulo* (São Paulo: Paulus, 2008), p. 27.
- <sup>11</sup> Aurélio Agostinho, *Confissões* (São Paulo: Folha de São Paulo, 2010), p. 106.
- <sup>12</sup> Dunn, *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 28.
- <sup>13</sup> *Ibid.*, p. 37.
- <sup>14</sup> Schnelle, *Teologia do Novo Testamento*, p. 257.
- <sup>15</sup> Kevin J. Vanhoozer e Owen Strachan, *O Pastor como Teólogo Público: Recuperando uma visão perdida* (São Paulo: Vida Nova, 2016), p. 159.
- <sup>16</sup> Derek Tidball, *Ministério Segundo o Novo Testamento* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011), p. 139.

**CLODOALDO TAVARES DOS SANTOS**

professor de Teologia na Faculdade Adventista da Amazônia



# LIÇÃO DA NATUREZA

A formiga, as finanças e a vida pastoral

Jonatán Moreyra

**A**o estudar mais detidamente o livro de Provérbios, comecei a entender a deferência do sábio autor a uma qualidade a qual eu não havia atentado antes. Faz alguns meses, a Associação Geral da Igreja Adventista solicitou aos pastores distritais que respondessem uma pesquisa. Uma das questões me fez refletir. A pergunta era se tínhamos uma reserva econômica menor ou maior do que o salário de todo um ano. Sinceramente, não entendi o motivo da pergunta e se isso correspondia a alguma medida internacional, ou apenas norte-americana, para saber se uma pessoa está apta para contrair crédito. Talvez eu achasse que orientações para poupar dinheiro fossem algo básico, então, procurei estudar sobre o assunto.



Eu descobri que nos países em que não é obrigatório contribuir para o governo a fim de receber uma aposentadoria mais tarde, como é o caso de alguns países latino-americanos, você é aconselhado a poupar certo valor por vários anos, de preferência, durante toda a sua vida profissional, para depois usufruir dessa poupança na aposentadoria. Bancos e instituições financeiras oferecem diversos planos de aposentadoria privada. Por exemplo, se alguém quiser se aposentar aos 65 anos com 1 milhão de reais na previdência privada, deve investir mensalmente os seguintes valores: Começando a poupar aos 20 anos, R\$ 1.075,18; aos 30, R\$ 1.571,41; aos 40, R\$ 2.490,73; aos 50, R\$ 4.680,66.<sup>1</sup> Mas, é bom esclarecer que essa é uma estimativa que considera as condições econômicas gerais, sem levar em conta imprevistos como a pandemia.

Volto agora à pergunta da pesquisa sobre o pastor ter uma poupança com valor menor ou maior que o salário de um ano.

Morando atualmente na Argentina, conheço poucos colegas de ministério que têm esse valor em investido. E aqueles que o têm, pouparam para outros objetivos: como trocar o carro, adquirir um terreno ou casa ou tirar férias.

Em tempos de turbulência econômica no mundo, e mesmo nos de bonança, é imprescindível conhecer um pouco sobre planejamento financeiro. O pastor recebe um salário razoável, e se não souber administrá-lo terá sérios problemas para sustentar a família e ser um ministro segundo o plano de Deus. Muitos não têm reservas equivalentes a um ano de salário (inclusive eu), nem mesmo o equivalente a um mês de salário.

Vivemos apertados, com prestações e contas a pagar, para ver se chegamos ao fim do mês. A consequência disso pode ser estresse, um precursor da ansiedade e depressão. Como o pastor pode levar conforto e tranquilidade às pessoas se ele mesmo não os possui? Obviamente, o medo de perder o emprego, do desequilíbrio financeiro e de não ficar livre das dívidas são coisas que se administram no decorrer dos anos de experiência. Contudo, ainda assim, a incerteza é algo que nunca vai embora, precisamente porque este mundo é tudo, menos estável.

Algumas semanas atrás, precisei fazer várias viagens longas para levar um membro enfermo de nossa igreja que não tem nenhum familiar. Seu plano de saúde assistencial não autorizou as consultas e exames, e eu tive que ajudá-lo com os custos. O município em que ele reside está em crise com a saúde e não conta com médicos especialistas. Em casos assim, você tem que se colocar à disposição. O problema é quando chega o fim do mês. Você se vê em apuros, e triste porque nenhum membro da igreja teve condições de ajudar o irmão necessitado. Eu chego à conclusão de que nossos membros precisam ser educados no que diz respeito à vida financeira.

Uma de minhas passagens bíblicas favoritas desde a infância lança luz sobre esse assunto: “Observe a formiga, preguiçoso,

reflita nos caminhos dela e seja sábio! Ela não tem nem chefe, nem supervisor, nem governante, e ainda assim armazena as suas provisões no verão e na época da colheita ajunta o seu alimento” (Pv 6:6-8, NVI).

Ao observar essa repreensão dirigida à pessoa preguiçosa, nossa primeira reação é desconsiderá-la. Talvez esse adjetivo nos incomode, ou simplesmente achamos que não fazemos parte desse grupo. Afinal, temos sobrecarga de trabalho! No entanto, a intenção de Salomão ao usar o termo não foi atacar, mas contrapor o perfil e o modo de vida do preguiçoso com o da pessoa sábia: “O preguiçoso considera-se mais sábio do que sete homens que respondem com bom senso” (Pv 26:16, NVI).

É também uma forma de descrever a mente dominada por ideias irracionais e medos irrealistas: “O preguiçoso diz: ‘Um leão está no caminho! Um leão está no meio da rua!’” (Pv 22:13). Ele é o exemplo de alguém cheio de planos e sonhos, mas que não consegue mudar sua situação: “A alma do preguiçoso deseja, e coisa nenhuma alcança” (Pv 13:4, ARC). Como consequência, sua vida se torna totalmente complicada: “O caminho do preguiçoso é cercado de espinhos, mas a vereda dos retos é bem aplanada” (Pv 15:19, ACF). Trata-se claramente de um problema sério, porque a consequência de não ouvir a instrução é que “a pobreza o assaltará como um bandido; a escassez o atacará como um ladrão armado” (Pv 6:11, NVT).

Jacques Doukhan apresenta um excelente comentário sobre os três princípios fundamentais destacados por Salomão no exemplo da formiga (Pv 6:6-8).<sup>2</sup>

## Aprender

O primeiro princípio está no versículo 6. Ele nos exorta a “olhar ou ver” a formiga e ser sábio. É um eco ao convite do verso 3: “humilhe-se”.

O problema é achar que sabemos tudo, porém temos que aprender com esse pequenino inseto porque ainda não aprendemos o básico.<sup>3</sup> É preciso observar o trabalho,



a administração e a política econômica dessa minúscula criatura. Podem ser princípios diferentes dos seus ou dos promovidos pela sociedade, mas são mais sábios.

Precisamos reconhecer que não nascemos sabendo tudo. Por isso, com humildade, precisamos nos sentar e aprender com a formiga. No fim de Provérbios, Salomão a considera como um dos quatro seres mais sábios da Terra. Ninguém gosta de ouvir o que deve fazer com seu dinheiro. Todo pastor que administra sua casa se sente confiante de que está fazendo a coisa certa e o melhor, mesmo que não esteja. Muitos não foram instruídos sobre economia nem sobre a correta administração dos recursos. Geralmente, copiamos o que nossos pais fizeram. Por teimosia ou vergonha, não vemos outra maneira de agir.

Se vivemos em constante endividamento, isso pode nos trazer angústia, medo e a impossibilidade de ajudar os outros. Reconhecer nossas limitações na gestão financeira não é simples, mas é necessário. Olhe para a formiga, humilhe-se e aprenda com ela.

## Trabalhar

O segundo princípio está no verso 7: “Ela não tem nem chefe, nem supervisor, nem governante”, contudo, decide fazer o trabalho por si mesma, sem instruções ou ordens. Se como pastores trabalhamos direito e fazemos a coisa certa apenas porque nos ordenam fazê-lo, não estamos fazendo porque é nosso dever, mas por temer àqueles que nos mandam. Por outro lado, se fazemos isso somente por causa do salário, nos tornamos súditos de Mamom.

Aqui, Salomão apresenta um princípio muito interessante. O trabalho faz parte da vida e é bom. O propósito do trabalho não é o dinheiro, mas o trabalho em si concede a bênção de prover o alimento. O trabalho realizado em verdadeira união não promove a desconfiança do dirigente.<sup>4</sup>

Em nossa sociedade, muitas pessoas trabalham apenas para obter maiores ganhos pessoais. No entanto, Deus chama nossa

atenção para a formiga. Ela trabalha em comunidade e não o faz para desperdiçar seus recursos, mas para seu sustento. Ela não consome rapidamente tudo o que conseguiu, mas se ocupa em poupar e armazenar.

Precisamos aprender a trabalhar sem temer falta de alimento ou de recursos. Jesus disse que os pagãos é que sentem temor e angústia quanto ao futuro, porque servem primeiro ao mundo e não ao reino de Deus.<sup>5</sup> Trabalhe sem se preocupar, como a formiga, e Deus cuidará do seu sustento.

## Garantir

O terceiro princípio está no versículo 8: “[Ela] armazena as suas provisões no verão e na época da colheita ajunta seu alimento”. Resumindo, aprenda a provisionar para o futuro. Assim como a formiga ajunta no verão para enfrentar o rigor e a miséria do inverno, aprenda a se prevenir contra uma crise potencial e se preparar para ela. Isso nos lembra da provisão de José para os sete anos de escassez no Egito (Gn 41:34-36).

O verbo “armazenar”, no hebraico, é a palavra *kwn'y* que está no modo hiphil e pode ser traduzido como “preparar” (Sl 147:8), “estar preparado” (Jr 46:14), “dirigir os passos” (Pv 16:9), “confirmar” (2Sm 5:12), e “preparar, dispor” (Sl 119:133; 1Sm 7:3).<sup>6</sup> A prevenção é sabedoria. Não é desconfiança de Deus nem falta de fé. Pelo contrário, na falta dela surge a dúvida, a incerteza e até a falta de fé. “Economia” ou “poupança” é outra forma de se referir à prevenção.

Poupar exige determinação e disposição para agir. A formiga armazena seu alimento nas estações próprias, morde a ponta do grão para evitar que germine e o guarda nos cubículos do formigueiro até que precise dele.<sup>7</sup> Um rabino, comentando sobre a vida curta da formiga, disse: “Em toda a sua vida ela necessita apenas de um grão e meio, mas ainda assim ajunta tantos grãos. Por que faz isso? Porque diz: Talvez o Santo, bendito seja Ele, decretará mais vida para mim, e eu terei grãos prontos para comer.”<sup>8</sup>

Não é simplesmente se tenho poupadão certa quantia ou não, mas onde desejo

chegar. Se não houver um plano não haverá vislumbre do futuro, e o medo e a ansiedade ocuparão seu lugar. Decisões e atitudes sábias no ministério dificilmente surgirão de um pastor estressado, sufocado pelas dívidas e abalado financeiramente. Cada pastor deve sentar com sua família e estabelecer quanto podem poupar como parte fixa do seu orçamento. Isso deve ser uma determinação, e não uma opção. Significa garantir o sustento enquanto “o inverno” não chega.

Como seria maravilhoso ver nossos irmãos crescerem na fé e em estabilidade financeira em seus lares por meio de uma administração adequada! Quão sábio seria nosso ministério sem os fantasmas do medo do futuro!

Depois de observar a formiga, deixo como apelo final o conselho bíblico: procuremos poupar durante o inverno para termos no verão, ou vamos nos esforçar um pouco mais para acumular uma reserva de um verão a outro. Assim, poderemos dizer: “Talvez o Santo, bendito seja Ele, me decrete mais vida e terei grãos para comer.”

## Referências

<sup>1</sup> Juliana Elias, “Quer ter quanto para aposentar? Veja quanto poupar na previdência privada”, disponível em <tinyurl.com/y5bv238c>, acesso em 5/10/2020.

<sup>2</sup> Jaques Doukhan, *El Libro de Proverbios: El temor de Dios es el principio de la sabiduría* (Buenos Aires: Aces, 2014).

<sup>3</sup> Matthew Henry e Francisco Lacueva, *Comentário Bíblico de Matthew Henry* (Barcelona: Clie, 1999), p. 669, 670.

<sup>4</sup> Lembra-me a comunidade celestial, na qual todos os seres trabalham em perfeito amor para com os demais.

<sup>5</sup> Mateus 6:24-34.

<sup>6</sup> Moisés Chávez, *Diccionario de Hebreo Bíblico* (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 1992), p. 277.

<sup>7</sup> *El Tesoro del Conocimiento Bíblico: Referencias bíblicas y pasajes paralelos* (Bellingham, WA: Logos, 2011), Provérbios 6:6.

<sup>8</sup> *Midrash, Devarim Rabbah* 5:2.

**JONATÁN MOREYRA**

pastor em Jardín América,  
Argentina



# NO INTERIOR DA BAHIA

**A**companhado do irmão [Clarence] Rentfro, iniciei no dia 18 de junho [de 1920] uma viagem a fim de visitar um lugar distante no interior, próximo do rio Corrente, afluente do rio São Francisco, que nasce no Estado de Goiás. Fizemos a viagem do Rio de Janeiro até Pirapora em pouco tempo. A distância entre essas duas cidades é de 1.006 quilômetros. De Pirapora, pudemos já, no dia 22 de junho, por via fluvial, continuar a viagem a Bom Jesus da Lapa, localidade em que, segundo nos disse o comandante do navio, havíamos de chegar dentro de cinco dias. Embora esses dias tenham sido agradáveis e tenhamos apreciado muito as belas paisagens que atravessamos, foi uma viagem tediosa, porque tínhamos um alvo, ao passo que a tripulação do navio parecia não tê-lo, especialmente quando atracavam em algum porto fluvial. Chegando finalmente a Bom Jesus da Lapa, que dista de Pirapora apenas 621 quilômetros, já haviam passado, ao todo, oito dias. Arranjamos ali uma pequena embarcação e fomos ainda 17 léguas mais adiante, sendo 15 léguas rio acima. Sexta-feira, 2 de julho, pouco antes do pôr do sol, chegamos a Porto Novo do Corrente.

Estávamos muito ansiosos por saber o que encontraríamos ali, porque, o que se pode esperar de crentes que por espaço de quatro longos anos se acharam entregues a si mesmos? Em pouco tempo chegamos à casa do dirigente do grupo e, na mesma noite, realizamos um culto edificante, assistido pelos irmãos e por algumas outras pessoas que tinham sido convidadas. As reuniões que se seguiram foram muito boas, sendo igualmente bem assistidas. Não podíamos, porém, limitar as reuniões a um só lugar, porque os irmãos residem em



Foto histórica da cidade de Porto Novo do Corrente, Bahia

lugares diferentes. Na semana seguinte, visitei os crentes residentes em Santana dos Brejos e realizei ali diversas reuniões, enquanto o irmão Rentfro seguiu para Santa Maria da Vitória.

Na volta, falou do interesse que ali reina e das boas reuniões por ele conduzidas. E os irmãos de modo algum estiveram inativos. Diversas pessoas haviam sido ganhas para a verdade, de sorte que, no sábado, 10 de julho, cinco pessoas foram batizadas, sendo mais duas recebidas na igreja por voto. Isso prova quão verdadeiro é o texto de João 15:5. Estando nós verdadeiramente ligados à videira, não somos desamparados nem infrutíferos, mas se isso não ocorrer conosco, de nada adianta a ajuda de todos os ministros. Depois de madura reflexão, resolvemos dar ainda outro passo. Sendo que encontramos todos os irmãos bem fundamentados na verdade e vivendo em harmonia com todos os pontos da nossa mensagem, e havendo também irmãos capazes para os diversos cargos, sentimo-nos no dever de organizar uma igreja.

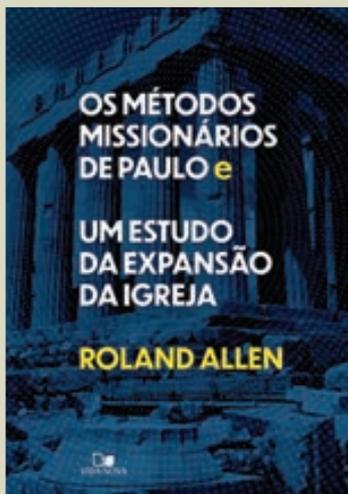
Isso não deveria servir de lição a muitos dos nossos irmãos? Há quem julgue não poder passar um sábado sem a presença de um ministro. Provavelmente aqueles irmãos não poderão ser visitados por um ministro sem que tenha passado outro ano, mas eles resolveram trabalhar, e esperamos que lancem a semente da verdade em muitos lugares e tenham sucesso em seu trabalho. E, irmãos, é assim que deve ser, porque se as igrejas e os grupos quiserem ter para si os poucos obreiros que nossa denominação tem, quanto tempo levará para consumir essa obra mundial? [...] Queira o Senhor abençoar ricamente Sua obra na grande Missão Baiana! **TM**

## Referência

Extraído de Henry Meyer, "No interior da Bahia", *Revista Mensal*, dezembro de 1920, p. 8, 9.

## HENRY MEYER

foi missionário e primeiro presidente da antiga União Este Brasileira

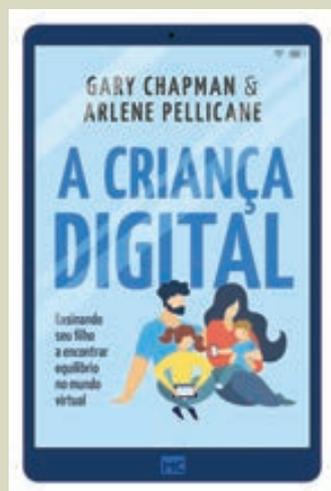


### Os Métodos Missionários de Paulo e um Estudo da Expansão da Igreja

Roland Allen, Vida Nova, 2020, 368 p.

Dois clássicos reunidos em único volume. Em *Os Métodos Missionários de Paulo*, Roland Allen nos convida a examinar a obra missionária de Paulo, a qual o autor afirma ser o paradigma para toda obra missionária, uma vez que, tanto no livro de Atos quanto nas cartas paulinas, vemos o apóstolo lidar com diversos problemas e tratar de assuntos como treinamento, discipulado, finanças e disciplina.

*Os Métodos Missionários de Paulo* e sua continuação, *Um Estudo da Expansão da Igreja*, são clássicos que ainda hoje nos desafiam a avaliar a atuação das igrejas e das missões à luz da Bíblia e a submeter nossos esforços ao poder e à ação do Espírito Santo.

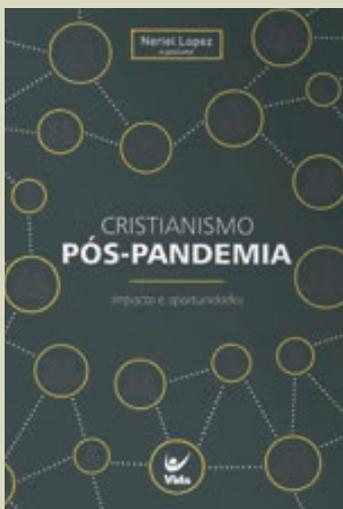


### A Criança Digital: Ensinando seu filho a encontrar equilíbrio no mundo virtual

Gary Chapman e Arlene Pellicane, Mundo Cristão, 2020, 256 p.

A criança de hoje nasce *digital*. Se é verdade que a tecnologia apresenta muitas vantagens, é igualmente verdadeiro que o mau uso ou o uso excessivamente precoce traz diversas preocupações para os pais. A boa notícia é que existem maneiras de equilibrar tecnologia, família e sociabilidade. Descubra como por meio das sugestões de dois renomados especialistas em relacionamentos familiares.

Quanto mais tempo uma criança passa diante das telas, menos tempo ela tem para interagir com os pais, irmãos e amigos. A tecnologia está desunindo sua família? Quais são suas preocupações em relação ao tempo que seu filho passa diante das telas? Qual a idade ideal para uma criança ter contato com celular, *tablet* ou computador? Devemos estabelecer regras para o uso de aparelhos eletrônicos? Como ensinar aos filhos a diferença entre conteúdo próprio e impróprio? Se uma ou mais dessas questões o preocupa, este livro foi escrito pensando em você.



### Cristianismo Pós-Pandemia: Impacto e oportunidades

Neri Lopez, org., Vida, 2020, 176 p.

Esse livro traz diversos temas que auxiliarão pastores e igrejas a repensar a nova realidade. Em cada capítulo, há um artigo independente sobre um assunto específico, com uma abordagem prática para aplicação no dia a dia. A obra procura oferecer sugestões para viver o cristianismo neste novo tempo da humanidade. De fato, uma nova igreja está surgindo. Mais abrangente e com maior alcance.

Selecionados e organizados pelo jornalista Neri Lopez, os autores apresentam reflexões sobre confinamento, comunicação, técnicas para transmissão ao vivo, novos rumos da pregação, cuidado com a imagem, virtualização do sagrado, entre outros temas. Recurso indispensável para estudo e orientação, a obra fala sobre o futuro e também a respeito de como a tecnologia pode ser útil na propagação da mensagem do evangelho.

## “Purificação no Céu? Uma breve análise das interpretações de Daniel 8:14 e Hebreus 9:23”

Rafael Fonseca Krüger e Adriani Milli Rodrigues – *Revista Kerygma*, v. 13, nº 2, 2017, p. 61-79 (<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1075/978>)

Alguns comentaristas têm interpretado Daniel 8:14 e/ou Hebreus 9:23 como referências a uma purificação ocorrendo no Céu. Muitos estudiosos, contudo, não concordam com essa perspectiva. Além de razões exegéticas, um motivo para tal posição está na dificuldade em conceber uma purificação acontecendo no Céu. Afinal, purificação pressupõe contaminação e impureza. O artigo analisa essa problemática.

As primeiras duas seções tratam de interpretações do texto veterotestamentário. A pesquisa é feita tendo como referência o período milerita e dos pioneiros adventistas. A terceira e a quarta seções analisam o texto neotestamentário. Ela aponta a dificuldade de comentaristas recentes em tratar com a impureza no Céu e apresenta uma resposta a esse obstáculo.



## “El kerygma de C. H. Dodd ochenta y cinco años después: Síntesis y evaluación”

Andrés Messmer – *Revista DavarLogos*, v. XIX, nº 1, 2020, p. 45-77 (<http://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos>)

Embora outros eruditos antes de Dodd tenham tentado apresentar uma descrição da pregação encontrada no Novo Testamento, foi ele, em realidade, quem arduamente trabalhou com a questão e dispôs os temas para ser discutidos. Para Dodd, o *kerygma* não se limita ao seu uso léxico no Novo Testamento, mas também funciona como um “bordão teológico” para o conceito geral de pregação. Podemos ou não concordar com sua forma de proceder, mas essa foi a metodologia dele. Ele estudou o Novo Testamento pesquisando exemplos de “pregação”, nos quais as palavras *kerygma* ou *kerysso* teriam sido usadas.

O artigo apresenta uma síntese e avaliação do ensaio programático de C. H. Dodd sobre o *kerygma* em o Novo Testamento e das principais interações que ele recebeu nos últimos 85 anos. Embora a tese de Dodd tenha sido modificada em alguns aspectos secundários, os estudiosos têm confirmado a maioria de suas conclusões.



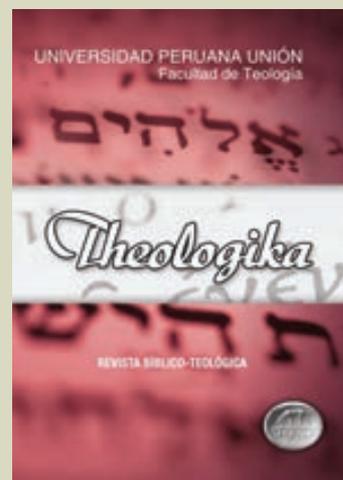
## “Intertextualidad: El uso de Éxodo 34:6-7 en el Antiguo Testamento”

Emmer Chacón – *Revista Theologika*, v. 34, nº 2, 2019, p. 4-17 ([https://revistas.upeu.edu.pe/index.php/r\\_theologika/article/view/1329](https://revistas.upeu.edu.pe/index.php/r_theologika/article/view/1329))

Durante anos tem-se estudado o uso que autores bíblicos posteriores fizeram de textos inspirados anteriores. Esse fenômeno é denominado intertextualidade. Existem diversos níveis por meio dos quais se pode verificar o uso de um texto por um autor posterior.

Neste artigo, o autor analisa, após séria revisão bibliográfica, as tendências contemporâneas a esse respeito, como no caso da fórmula da graça em Êxodo 34:6 e 7. Inicialmente ele apresenta um estudo do contexto dessa passagem. Depois, seu uso no Pentateuco, no livro de Salmos e nos Profetas Menores, onde se verifica sua integração com a teologia desse grupo.

Nota-se que em cada uso o autor posterior respeitou o contexto inicial da passagem e o integrou ao seu argumento, contextualizando-o à sua nova realidade.



# NOSSO MODELO

Aqueles que têm genuíno amor a Deus manifestarão um intenso desejo de conhecer Sua vontade e executá-la. Diz o apóstolo João, cujas epístolas tratam tão cabalmente do amor: “Este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos” (1Jo 5:3). A criança que ama aos pais mostrará esse amor por voluntária obediência; mas a criança egoísta, ingrata, procura fazer tão pouco quanto lhe seja possível por seus pais, enquanto, ao mesmo tempo, deseja desfrutar todos os privilégios assegurados ao obediente e fiel. A mesma diferença é vista entre os que dizem ser filhos de Deus. Muitos que sabem ser o objeto de Seu amor e cuidado, e desejam receber Sua bênção, não têm nenhum deleite em fazer Sua vontade. Consideram as exigências de Deus como uma desagradável restrição, Seus mandamentos um danoso jugo. Mas aquele que está verdadeiramente procurando a santidade de coração e de vida deleita-se na lei de Deus e lamenta unicamente o fato de que fica muito aquém de satisfazer a suas reivindicações.

É-nos ordenado amar-nos mutuamente, como Cristo nos amou. Ele manifestou Seu amor, dando Sua vida para remir-nos. O discípulo amado diz que devemos estar dispostos a dar a vida pelos irmãos. Porque “todo aquele que ama ao que O gerou também ama ao que Dele é nascido” (1Jo 5:1, ARA). Se amamos a Cristo, amaremos também àqueles que a Ele se assemelham na vida e no caráter. E não somente isso, mas havemos de amar àqueles que estão sem “esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2:12). Foi para salvar os pecadores que Cristo deixou Seu lar no Céu e veio à Terra para sofrer e morrer. Por isso Ele se fatigou, agoniou-se e orou, até o ponto de, com o coração partido e abandonado por aqueles a quem veio salvar, derramar Sua vida no Calvário.

Muitos se esquivam de uma vida como a que viveu nosso Salvador. Sentem que requer muito sacrifício imitar o Modelo, produzir frutos em boas obras e, então, pacientemente suportar a poda divina, para que possam produzir mais fruto. Mas quando o cristão se considera apenas um humilde instrumento nas mãos de Cristo e se esforça por cumprir fielmente todo dever, confiando no auxílio prometido por Deus, então tomará o jugo de Cristo e achará fácil fazê-lo; então assumirá responsabilidades por Cristo e dirá serem agradáveis. Ele poderá olhar para cima com ânimo e confiança e dizer: “Sei em quem tenho crido e estou certo de que Ele é poderoso para guardar aquilo que me foi confiado até aquele dia” (2Tm 1:12).

Se encontramos obstáculos em nosso caminho e fielmente os vencemos; se deparamos com oposição e descrédito e, em nome de Cristo, ganhamos a vitória; se temos responsabilidades e nos desempenhamos em nossos deveres no espírito de nosso Mestre – então, de fato, alcançamos um precioso conhecimento de Sua fidelidade e poder. Não mais dependeremos da experiência de outros, porque temos o testemunho em nós mesmos. Como os samaritanos da antiguidade, podemos dizer: “Nós mesmos O temos ouvido e sabemos que Este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo” (Jo 4:42, ARC).

Quanto mais contemplarmos o caráter de Cristo e quanto mais experimentarmos de Seu poder salvador, com tanto maior perspicácia reconheceremos nossa própria fraqueza e imperfeição, e mais fervorosamente olharemos para

Ele como nossa força e nosso Redentor. Não temos poder em nós mesmos para purificar o templo da alma de sua contaminação; mas ao nos arrependermos de nossos pecados contra Deus e procurarmos perdão mediante os méritos de Cristo, Ele comunicará aquela fé que opera por amor e purifica o coração. Pela fé em Cristo e obediência à lei de Deus, podemos ser santificados e assim obter aptidão para a sociedade com os santos anjos e os remidos vestidos de branco no reino da glória.

Não é somente o privilégio, mas o dever de todo cristão manter uma íntima união com Cristo e ter uma rica experiência nas coisas de Deus. Então sua vida será frutífera em boas obras. Disse Cristo: “Nisto é glorificado Meu Pai: que deis muito fruto” (Jo 15:8, ARC). Quando lemos a vida de homens que foram eminentes por sua piedade, muitas vezes consideramos suas experiências e realizações como muito além de nosso alcance. Mas esse não é o caso. Cristo morreu por todos; e é-nos assegurado em Sua Palavra que Ele está mais pronto a dar Seu Santo Espírito àqueles que Lho pedirem do que os pais terrenos a dar boas dádivas a seus filhos. Os profetas e apóstolos não aperfeiçoaram o caráter cristão por milagre. Eles usaram os meios colocados por Deus ao seu alcance; e todos os que fizeram o mesmo esforço hão de conseguir os mesmos resultados. **M**



Texto extraído de  
*Santificação*, p. 81-84.

# TEMPOS DIFÍCEIS

**S**er pastor no século 21 está sendo um grande desafio. As demandas estão se tornando cada vez mais complexas. As pessoas estão ávidas por ouvir reflexões sobre o sentido da vida e obter respostas para suas inquietações. Por isso, sentem-se infelizes e insatisfeitas. Há uma carência do divino, do transcendente, para resolver o enigma. Diante disso, como a religião pode fazer a diferença? A resposta é entender que a mensagem do evangelho tem poder para transformar nossa cosmovisão, ou seja, o modo de interpretar e dar significado a tudo.

O mundo tem múltiplas cosmovisões que disputam a adesão das pessoas na busca pela verdade. Cada um quer definir por si mesmo o certo e o errado, e o tradicional tem perdido a validade. Os pós-modernos se curvam diante da crença de um “universo” sem Deus, sem esperança, nem significado. O resultado tem sido a descrença em uma verdade absoluta e a veneração das verdades relativas, tendo como ideologias o relativismo e o desconstrutivismo. Para preencher o vazio existencial, os pós-modernos têm recorrido à intuição e ao sentimento em lugar da fé racional na Palavra de Deus.

O termo “pós-verdade” também tem ganhado espaço entre os filósofos do pós-modernismo. Não se trata da mesma coisa que mentira. Ele deriva de pensadores como o francês Jean-François Lyotard, para quem “não há fatos, apenas interpretações”; ou do russo Alexander Dugin: “Verdade é questão de crença”. Assim, fatos não importam, percepção é tudo. A verdade mais profunda é emocional, subjetiva e prescinde dos fatos. Desiludidos com tudo isso, muitos se dizem religiosos, mas sem religião. Para eles, religiosidade é um sentimento, uma tendência de reverenciar a existência. Religião é formalizar a religiosidade juntando-a em um credo e uma estrutura, o que eles abominam. Infelizmente, pessoas assim ainda não entenderam que as emoções e a razão, à parte da fé na revelação de Deus nas Escrituras, não podem entender a loucura da cruz com todas as suas implicações (1Co 1:18-25).



**MARCIO NASTRINI**  
editor associado da revista  
Ministério

## Para preencher o vazio existencial, os pós-modernos têm recorrido à intuição e ao sentimento em lugar da fé racional na Palavra de Deus.

Nesse duelo religioso, muitas denominações cristãs têm tentado se ajustar, inclusive abrindo mão de princípios bíblicos. O papa Francisco declarou que “a evolução não é incompatível com a criação no Gênesis, pois a evolução exige a criação de seres que evoluem, e o Big Bang exige uma intervenção criadora”. Sua fala é um esforço para conciliar doutrinas bíblicas com teorias científicas. Porém, atitudes assim privilegiam pessoas como Stephen Hawking, físico e ateu falecido, que passou a vida defendendo a teoria da “partícula fugitiva” de um buraco negro no Universo que deu origem a tudo!

Como se não bastasse, ainda há os que se desencantam com as instituições religiosas. Dizem amar a Jesus, mas não a igreja. Assim, exercitam a fé de maneira privada porque a espiritualidade independe da comunidade. Protestantes e evangélicos têm abandonado suas igrejas e engrossado o movimento dos “desigrejados”. Na contramão, tem havido um aumento espantoso dos que se filiam às chamadas igrejas emergentes. Estes buscam “uma igreja para quem não gosta de ‘igreja’”, voltada “para pessoas de quem a ‘igreja’ não gosta”, como definiu um de seus líderes.

Penso que estamos enfrentando uma época semelhante à dos juizes para o povo israelita, quando “não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais certo” (Jz 17:6). No entanto, como ministros do Senhor precisamos, à exemplo dos filhos de Issacar, “que sabiam discernir o tempo” (1Cr 12:32), revitalizar e renovar nosso ministério. Deus nos ajude a conduzir Seu rebanho por caminhos certos a fim de evitar que os ácidos dos tempos contemporâneos corroam as estruturas da igreja de Deus, coluna e baluarte da verdade (1Tm 3:15). **M**



# CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS POR TODO O **BRASIL**

**AMAZONAS**  
**MANAUS**  
**SÃO GERALDO**  
Av. Constantino Nery, 1212  
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

**PERNAMBUCO**  
**RECIFE**  
**SANTO AMARO**  
R. Gervásio Pires, 631  
(81) 3031-9941 / (81) 99623-0043

**BAHIA**  
**CACHOEIRA**  
**FADBA**  
Rod. BR 101, km 197  
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

**RIO DE JANEIRO**  
**RIO DE JANEIRO**  
**TIJUCA**  
R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A  
(21) 3872-7375

**BAHIA**  
**SALVADOR**  
**NAZARÉ**  
Av. Joana Angélica, 1039  
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

**RIO GRANDE DO SUL**  
**PORTO ALEGRE**  
**CENTRO**  
R. Coronel Vicente, 561  
(51) 3026-3538

**CEARÁ**  
**FORTALEZA**  
**CENTRO**  
R. Barão do Rio Branco, 1564  
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

**SÃO PAULO**  
**ENGENHEIRO COELHO**  
**UNASP/EC**  
Rod. SP 332, km 160  
Faz. Lagoa Bonita  
(19) 3858-1398 / (19) 98165-0008

**DISTRITO FEDERAL**  
**BRASÍLIA**  
**ASA NORTE**  
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23  
Ed. Number One  
(61) 3321-2021 / (61) 98235-0008

**SÃO PAULO**  
**HORTOLÂNDIA**  
**PARQUE ORTOLÂNDIA**  
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656  
(19) 3503-1070

**GOIÁS**  
**GOIÂNIA**  
**SETOR CENTRAL**  
Av. Goiás, 766  
(62) 3229-3830

**SÃO PAULO**  
**SANTO ANDRÉ**  
**CENTRO**  
Tv. Lourenço Rondinelli, 111  
(11) 4438-1818

**MATO GROSSO DO SUL**  
**CAMPO GRANDE**  
**CENTRO**  
R. Quinze de Novembro, 589  
(67) 3321-9463

**SÃO PAULO**  
**SÃO PAULO**  
**MOEMA**  
Av. Juriti, 563  
(11) 5051-1544

**MINAS GERAIS**  
**BELO HORIZONTE**  
**CENTRO**  
Rua dos Guajajaras, 860  
(31) 3309-0044 / (31) 99127-1392

**SÃO PAULO**  
**SÃO PAULO**  
**PRAÇA DA SÉ**  
Praça da Sé, 28 | 5º Andar  
(11) 3106-2659 / (11) 95975-0223

**PARÁ**  
**BELÉM**  
**MARCO**  
Tv. Barão do Triunfo, 3588  
(91) 3353-6130

**SÃO PAULO**  
**SÃO PAULO**  
**VILA MATILDE**  
R. Gil de Oliveira, 153  
(11) 2289-2021

**PARANÁ**  
**CURITIBA**  
**CENTRO**  
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1  
(41) 3323-9023 / (41) 99706-0009

**SÃO PAULO**  
**TATUÍ**  
**LOJA DA FÁBRICA**  
Rod. SP 127, km 106  
(15) 3205-8905

**ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:**



**LIVROS | BÍBLIAS | LIÇÕES | REVISTAS | GUIAS DE ESTUDO  
FOLHETOS | HINÁRIOS | CDs | DVDs | BRINQUEDOS | JOGOS**